Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

VIDA DO GRANDE

D. Quixote de la Mancha

E DO GORDO

SANCHO PANÇA

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

OBRAS DE AUCTORES PORTUGUESES

V

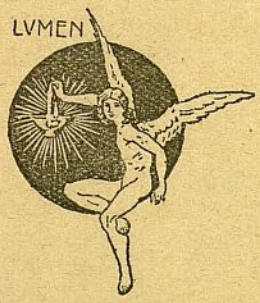
ANTONIO JOSÉ DA SILVA

VIDA DO GRANDE
D. QUIXOTE DE LA MANCHA

E DO GORDO SANCHO PANÇA

OPERA JOCOSA

Prefaciada e revista por Mendes dos Remedios



COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1905

Ayuntamiento de Madrid

R. 22.938

69/134767
70/745951
55/796221

AYUNTAMIENTO DE MADRID
0100767854
Ayuntamiento de Madrid

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

I. Uma vista retrospectiva sobre a Inquisição. Estabelecimento do terrivel tribunal em Portugal. Os *Regimentos* da Inquisição: generalidade das suas disposições. Num carcere do Santo-Officio. Um horror!
II. Ao lado da influencia do Santo-Officio a da sociedade civil. D. Affonso VI e D. João V. Oiro do Brasil.
III. Biographia de Antonio José.
IV. Antonio José como auctor dramatico e como poeta.

I

Havia duzentos annos pouco mais ou menos que a inquisição campeava em Portugal quando coube a vez de augmentar a galeria das suas victimas a Antonio José da Silva, antonomasticamente designado o *Judeu*.

E' no synodo de Tolosa, em 1229, em tempo de Gregorio IX, que se estabelecem os tribunaes inquisitoriaes propriamente ditos. A instituição foi lavrando pouco a pouco, levando a toda a parte onde chegava o sangue e o lucto, e veiu implantar-se, passados dois seculos e meio, em Espanha, país em que attingiu o maior e mais aperfeiçoado grau de ferocidade.

Ayuntamiento de Madrid

Em 1477 Fernando o Catholico solicitou do Papa então reinante, Sixto IV, o direito de estabelecer a inquisição nos seus Estados. A bulla de 1 de novembro de 1678 outorgou essa concessão, que foi larga e despoticamente aproveitada. Quatorze tribunaes do Santo Officio, em Cordova, Jaen, Villa Real (depois em Toledo), Valladolid, Calahorra, Murcia, Cuenca, Çaragoça, Valencia, Barcelona, Mallorca, e em varias cidades da Extremadura, quatro vezes por anno realisavam *autos de fé* em que desgraçados, ás centenas, eram victimas das chammas. Só em Sevilha no anno do estabelecimento da inquisição se queimaram 2.000 pessoas, 17.000 foram penitenciadas (1) e a darmos credito a Zurita, historiador do reino vizinho, entre vivos, mortos e ausentes foram condemnados como herejes, que judaizavam, mais de 100.000 pessoas com as que se reconciliaram com a Igreja (2).

O numero dos que soffreram o supplicio da fogueira durante a direcção de Torquemada foi de 8.800; 6.500 foram queimados em estatua; 90.000 foram condemnados á infamia, prisão perpetua, confiscação de bens e privação de cargos publicos (3). Estes dados são de Llorente, mas a admittir-se que elles hajam de soffrer qualquer correcção (4), o que resta é mais do que sufficiente para fazer caír sobre o principal agente dessa carniçaria, o feroz

(1) Mariana, *Hist.*, l. xxiv, cap. xvii.
(2) Cit. por Lafuente, *Hist. gener. de España.*
(3) Cfr. a minha obra *Judeus em Portugal,* Coimbra, França Amado, 1895, pag. 105 e seg.
(4) Hefele, *Le Cardinal Ximenes,* etc., Tours, 1856, 1 vol., especialmente no cap. xviii.

Ayuntamiento de Madrid

e insensivel Torquemada, toda a reprovação dos seculos. Foi precisa a intervenção dos Papas. A 29 de janeiro de 1482 Sixto IV dirigiu um breve a Fernando e Isabel em que falla de victimas innocentes. A 23 de fevereiro de 1483 e a 2 de agosto do mesmo anno de novo o mesmo Pontifice protestou contra a severidade do tribunal. O proprio Llorente mostra que no seculo XVII o tribunal abrandou a sua severidade, citando até numerosos casos em que os Papas fizeram absolver secretamente herejes e prohibiram impor-lhes qualquer pena civil.

*

A expulsão dos judeus de Espanha pelo edicto de 31 de março de 1492 e o estabelecimento da inquisição naquelle país para perseguir os que ficassem determinaram medidas identicas em Portugal. D. Manoel levado pelo amor duma mulher (1) expulsou os judeus do nosso país por decreto de 5 de dezembro de 1496 e, se não fundou a inquisição, foi porque não pôde. Ou a resistencia a essa medida partisse do Pontifice Leão X, aterrado com o uso cruel e sanguinario que das armas espirituaes e temporaes os inquisidores espanhoes faziam, e temesse por isso eguaes abusos no nosso país, ou essa resistencia saísse da influencia dos judeus que tinham delegados em Roma e que lá, para se salvarem, não deixariam de empregar todos os meios, desde

(1) Vej. o nosso livro *Os Judeus em Portugal*, cap. VI, e especialmente o VII, « O decreto da expulsão ».

Ayuntamiento de Madrid

a eloquencia da persuasão até á do dinheiro, sempre tam victoriosa, o que é certo é que até 1521, anno em que o Rei Venturoso morreu, o Papa Leão X não accedeu ao pedido, que tinha levado a Roma e lá negociava o embaixador D. Miguel da Silva.

A gloria dessa conquista estava reservada para D. João III, que a obteve por bulla de Clemente VII de 17 de dezembro de 1531, confirmada por outra de Paulo III de 23 de maio de 1536.

Passados dezaseis annos, em 1552, o Cardeal D. Henrique organizava ou mandava pôr em pratica o primeiro Regimento da Inquisição, a que se seguia em 1570 o segundo, tendo ficado ambos manuscriptos. Mas as suas disposições essenciaes deviam ter passado para os que vieram depois e existem impressos e que são por sua ordem:

1.º *Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal, recopilado por mandado do Ill.mo e Revd.mo Sõr Dom Pedro de Castilho, Bispo Inquizidor Geral e Visorey dos reynos de Portugal. Impresso na Inquisição de Lisboa por Pedro Craesbeeck. Anno da Encarnação do Sõr de 1613.*

2.º *Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal. Ordenado por mandado do Ill.mo e Rv.mo Sõr Bispo Dom Francisco de Castro, Inquisidor Geral do Conselho de Estado de Sua Magestade. Em Lisboa, nos Estaos. Por Manoel da Sylva. M.DC.XL.*

3.º *Regimento do Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal, ordenado com o*

Ayuntamiento de Madrid

real beneplacito, e regio auxilio, pelo Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha dos Conselhos de Estado, e gabinete de Sua Magestade, e Inquisidor Geral destes Reynos, e em todos os seus dominios. Impresso em Lisboa. Na Officina de Miguel Manescal da Costa. Anno MDCCLXXIV (1).

E' interessante a historia destes *Regimentos* sob qualquer dos aspectos em que os consideremos — litterario, legislativo, historico. De resto, feito o estudo para um delles, feito está para os demais, visto as disposições estatutarias permanecerem as mesmas em todos. O Regimento de 1640 foi aquelle que vigorou durante maior periodo de tempo. Por elle podemos sufficientemente avaliar do que era a vida, a honra, a propriedade, a dignidade humana, para a inquisição, que arvorava, como armas, a cruz, symbolo do Deus da misericordia, ao lado do ramo de oliveira — a paz, a mansidão, a piedade, e da espada — a justiça, que vinga o direito offendido, aqui transformada numa arma sanguinaria e odienta!

Lá vinha a disposição do segredo, elevada até ao juramento: « E porquanto o segredo é uma das cousas de maior importancia ao Santo Officio, mandamos que todos o guardem com particular cuidado, não só nas materias de

(1) O illustre professor da Universidade de Coimbra Paschoal José de Mello Freire dos Reis († 1798), escreveu tambem um *Projecto dum novo Regimento para o Santo Officio*, que nunca obteve approvação, certamente pelas ideas humanitarias e tão contrarias ás seguidas nos documentos similares anteriores, e que se conserva *manuscripto na Bibl. da Univ. de Coimbra.*

Ayuntamiento de Madrid

que poderia resultar prejuizo, se fossem descobertas, mas ainda naquellas que lhes parecerem de menos consideração, porque no Santo Officio não ha cousa em que o segredo não seja necessario (1) ».

Isso não obsta a que, com os documentos na mão, possamos aquilatar a iniquidade do piedoso tribunal, para o que bastará apontar a circunstancia de que se omittia esclarecer o desgraçado, que era preso, das accusações que se lhe faziam. Uma vez caído nas garras de taes abutres, difficil lhe era salvar-se. Interrogado uma e outra vez a que confessasse os seus erros, instado e por fim torturado, se nada dizia, porque nada tinha a dizer, visto estar innocente, — embora! — era condemnado como *negativo!*

Confessava tudo? — era condemnado como *confitente!*

Mas confessava parte sómente, não tudo o que queriam os seus algozes? — era ainda condemnado como *diminuto!*

A tortura arrancava-lhe confissões de delictos, que nunca tinha praticado, não concordando com os depoimentos das testemunhas? — ainda condemnado como *ficto* e *simulado!*

No meio da tortura dizia o que nunca havia praticado, e depois livre das dores annullava as declarações feitas? — condemnado era ainda como *revogante!*

---

(1) Vejam-se sobre taes *Regimentos*, Pereira Caldas, *Os Regimentos da Inquisição em Portugal*, Braga, 1877, e J. Martins de Carvalho, no *Conimbricense*, na serie de folhetins a principiar em 9 de outubro de 1869 e a concluir em 6 de novembro do mesmo anno.

Ayuntamiento de Madrid

Oh! e esse supplicio da tortura, friamente praticado *por homens robustos, que bem pudessem aturar o trabalho do seu officio,* excedia, pela systematização dos supplicios, tudo o que a crueldade da legislação civil tinha inventado e não encontra attenuante nem nos costumes, nem na legislação dos tempos. Seria preciso transcrever aqui todo o titulo XIV — *De como se hade proceder com os reus que houverem de ser postos a tormento, e da execução delle* — para se ver que nada exageramos. Mas preferimos pôr deante dos olhos dos leitores alguns exemplos da execução dessas tremendas disposições. Eis um caso em que se trata dum reo accusado pela *propria irmã* de judaizar, tão *boa* irmã, como *boa* filha, pois foi ella que tambem denunciara sua propria mãe do mesmo delicto. Os reos negam. A 1 de março de 1627 um dos suppostos criminosos é posto a tormento. Dêmos agora a palavra ao notario:

« ... foram chamados os ministros, e o reo despojado de seus vestidos e assentado no banquinho.

« Pelos senhores inquisidores foi protestado, que se elle reo no dito tormento morresse, quebrasse algum membro, ou perdesse algum sentido, a culpa fosse delle reo, e não delles senhores inquisidores...

« E por os medicos e çurgião dizerem, vendo e apalpando pelas costas ao reo, que se queixava de dor em huma espadoa direita de doença, que tivera de annos a esta parte, e vendo que havia nella alguma lesão, disserão que convinha dar-lhe tormento no *potro,* onde logo foi posto.

« E lhe pozerão os cordeis em todas as oito partes, onde de novo lhe foi feito o protesto

Ayuntamiento de Madrid

pelo Senhor Inquisidor na forma acima dita, e admoestado de novo com muita caridade.

« E por dizer que não tinha culpas que confessar, lhe foram dando a *primeira* volta em todas as oito partes, e o senhor Inquisidor o foi admoestando da parte Xpõ Nosso Senhor por muitas vezes confessasse suas culpas, e elle respondendo que não tinha que confessar, que era christão, repetindo esta palavra e dizendo, quando o admoestavão, *mas que morra! que era christão, que sobre os senhores Inquisidores havia de fiquar que não fizera tal cousa!*

« E sendo admoestado com caridade que confessasse, disse *que não queria confessar, que o matassem!*

« E cahindo no que tinha dito que não queria confessar, tornou a dizer que não tinha culpas que confessar.

« E tornou outra vez a dizer que não queria, que não tinha que confessar.

« E lhe deram *segunda* volta em todos os cordeis. E sendo admoestado, não disse palavra mais que *dar ais, misericordia de Deos me favoreça pois me não crêem! ella me soccorra! Jesus seja com a minha alma. Estou acabado!* dizendo estas palavras em tom como que cantava.

« E, sendo outra vez admoestado, respondeu *não me digão nada, que heide morrer pela fé de Christo!*

« E logo lhe foram dando a *terceira* volta em todas as oito partes, e elle dizendo *misericordia de Deus me valha! não tenho que confessar! sou christão! não me digão nada!*

« E logo lhe foram dando *quarta* volta e o foram admoestando com muita caridade, sem

Ayuntamiento de Madrid

elle fallar palavra nem dar um ai, só *que se callassem, que era christão!*

« E logo lhe foram dando *quinta* volta, e o tornou o senhor Inquisidor a admoestar com muita caridade da parte de Xpó, que confessasse. Respondeo, *sou christão, não me digão mais nada!*

« E se lhe deo *sexta* volta, e *setima* volta, sem responder cousa nenhuma.

« Sendo os cordeis grossos, quebrarão alguns.

« E foi visto pelos medicos e çurgiães, que se lhe tinhão dado tractos muito expertos, e que até os cordeis delgados quebravão. E sendo admoestado com caridade, que pedisse tempo para cuidar suas culpas, respondeu que não tinha que confessar, que era bom christão, mas que o matassem e lhe não dissessem mais palavra. *Querem que diga mentira? Não o hei-de fazer!*

« E por dizerem os çurgiães e medicos que tinha levado todo o tormento, que podia levar e estar satisfeito ao assento, mandou o senhor Inquisidor o desatassem e o levassem ao seu carcere, de que fiz este termo, que elle senhor Inquisidor assignou... (1) »

Quem era este senhor Inquisidor? Importa lá... Se eram todos iguaes (2). Era o *homo-lupus*, era a fera, com requintes de crueldade apurados no mister regular e methodico duma

(1) Dum processo existente na Torre do Tombo e largamente dado em extractos no *Conimbricense*, de 3 de novembro de 1869, n.º 2:324.

(2) Para conhecer do processo seguido em Espanha lêa-se o livro do sr. Dr. Ernst Schäfer — *Beiträge zur Geschichte des spanischen Protestantismus und der Inquisition in sechzehnten Iahrhundert*, Gütersloh, 1902.

Ayuntamiento de Madrid

funcção que se acobertava com os titulos singulares de piedade e de misericordia!

Em um tribunal semelhante, com tal legislação, em frente de taes juizes, deveria comparecer Antonio José da Silva.

II

O capitulo precedente deixou-nos vêr, ou antes adivinhar, a natureza do tribunal, que julgava as victimas do chamado delicto religioso e deante do qual teria, portanto, de comparecer o homem illustre, que nos suggeriu estas ligeiras considerações. Não obstante Antonio José da Silva estar socialmente muito bem relacionado, contando no numero dos seus amigos pessoas da mais alta influencia, nada o pôde livrar da fogueira, a que o arremessou uma accusação iniqua e injustificavel. E porque? Porque o Santo-Officio gozava de foros e prerogativas que ninguem se atrevia a contrariar. Era soberano e despotico! Mas é preciso tambem notar que ao lado desta influencia inquisitorial absorvente e esmagadora, a da sociedade civil não era menos deleteria do que aquella. De facto, a sociedade portuguesa de então, a principiar pelo Rei, vivia entregue e escravisada á mais hedionda superstição.

Na epoca em que o grande comediographo viveu — primeiras decadas do seculo XVIII — Portugal entrava, pelo reinado de D. João V,

Ayuntamiento de Madrid

no periodo dos loucos desperdicios, dos doidos esbanjamentos, sumindo-se mancheias de oiro sem que a industria, a agricultura, o commercio ou a instrucção ganhassem com isso na medida que seria de direito exigir.

Vaidoso, frivolo, galanteador, o rei magnifico arrastava atrás de si uma côrte de aduladores, creando em volta da sua pessoa uma atmosphera de falsa devoção, perfumada a nuvens de incenso e de sensualidade (1).

O devocionismo e as inclinações libidinosas encontram-se bastas vezes associadas e o caso de D. João V é mais um a juntar a tantos outros já conhecidos e criticados (2).

Mas não era este um facto virgem na nossa historia. O mesmo se deu com o desgraçado D. Affonso VI. Como D. João V tambem elle cultivou o galanteio dos claustros. « Deu-se ao galanteio das Religiosas, escreve um contemporaneo, frequentando diversos mosteiros, sem reparar no decoro que se devia aos lugares sagrados, fazia abrir as portas das Igrejas, sendo alta noite: e succedeu muitas vezes, que quando em outros conventos se levantavam os Religiosos para louvarem a Deos, o estava El-Rei offendendo na grade das suas Igrejas: ao mesmo tempo em que se havião de cantar os louvores divinos, se estavam representando as comedias profanas, sendo os choros tablados, vestuarios as sacristias, & a casa da oração

(1) Para este aspecto da biographia de D. João V devem ler-se, entre outras, as curiosas obras de M. Bernardes Branco, *As minhas queridas freirinhas de Odivellas*, Lisboa, 1 vol., e Sr. Alberto Pimentel, *As amantes de D. João V*, Lisboa, 1 vol.

(2) Vid. *Arch. d'antropologie criminelle*, t. XIX, n.º 123 de 15 mars 1904.

Ayuntamiento de Madrid

do Senhor, casa de abominação dos peccados: havendo el Rei seu pai tratado com santo zelo, que se não divertissem as esposas de Christo, elle, com sacrilego desatino quis impedir a algũas os castos desposorios, e se não as violava com as obras, as profanava com as palavras... (1) »

Estas palavras do auctor da *Catastrophe*... sam um commentario picante ás seguintes

DECIMAS QUE FEZ D. FELICIANA, FREIRA DO CONVENTO DE ODIVELLAS A EL-REI D. AFFONSO, POR FALLAR COM D. ANNA DE MOURA.

1.ª

Meu monarcha, o vosso amor,
O vosso enleio amoroso,
Tanto tem de primoroso,
Quanto de rei e senhor;
Mas ainda assim causa dor
E não com pouca rezão
Ver que esta vossa affeição
Causa tem que a desdoura
Pois adorais huma *Moura*
Sendo vós hum rei christão.

2.ª

Freira podereis achar
Mui christã que possa ter
Fé pera vos merecer
Discrição pera a guardar
Isto não é invejar
Essa mais que ditosa *Anna*,
Porque ainda que soberana,
E tão adeozada está,
Anna felice será
Mas nunca *Feliciana* (2)!

(1) *Catastrophe de Portugal na deposição d'El Rei D. Affonso Sexto*... por Leandro Dorea Caceres e Faria (anagrama de D. Fernando Correa de Lacerda, Bispo do Porto) Lisboa, 1669, pag. 211.

(2) *Ms.* da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, n.º 510.

Ayuntamiento de Madrid

Passados annos tramava-se a conspiração, que lhe roubou a mulher e o throno, formando-se para tanto o escandaloso processo, que se sabe e cuja accusação basilar está contida nestas palavras do Marquês de Cascaes narradas no curioso repositorio historico *Monstruozidades do tempo e da fortuna:*

« Em quarta feira, 23, de manhã, foi o Marquês de Cascaes falar a Sua Majestade que achou dormindo; entrou na Camara e arguio a el Rei de dormir tanto, e dispertando-o disse (metendo-lhe huma faca na mão) queria diser huma verdade muito pera o bem da sua consciencia, e pera o bem do Reino, e de seu Estado; que se depois lhe havia de dar, que lhe desse logo. Ao que el Rei respondeo, que viria com alguma das suas, que dissesse; e o Marquês com liberdade portuguesa lhe disse: Senhor, vós nascestes tolo, e o achaque que depois tivestes vos fes mais incapax; sois doente, e cheio de enfermidades: não tendes p..., nem sois pera casado, e assi estais incapax de teres geração, rezões todas pelas quaes hão de vir os Procuradores das Cortes, e vos hão de privar do reino, e dar o governo delle a vosso irmão... (1) »

D. João V foi mais feliz. No país teve as mais formosas mulheres, a mais delicada musica, o luxo mais estonteador. Do Brasil vinham recursos para satisfazer todos os caprichos do coroado megalomano. No periodo

(1) *Monstruozidades do tempo e da fortuna, ou Diario de factos mais interessantes que succederam no reino de 1662 a 1680*, até hoje attribuido infundadamente ao benedictino Fr. Alexandre da Paixão divulgado por J. A. da Graça Barreto, Lisboa, 1888, pag. 24.

Ayuntamiento de Madrid

de pouco mais de vinte annos, de 1722 até 1745, vieram de lá em dinheiro — cento e quinze milhões quinhentos e nove mil cento e trinta e dous cruzados; em diamantes e oiro — seis mil quatrocentas e dezasete arrobas, vinte e tres arrateis e quatro grãos; em prata — trezentas e vinte e quatro arrobas, um arratel, treze onças, duas oitavas e quatro grãos; em cobre em chapa para dinheiro e para ligas de ouro e prata — quinze mil seiscentas e setenta e nove arrobas, vinte e quatro arrateis, dez onças e seis oitavas; em diamantes brutos — enfim! — dous mil trezentos e oito quilates e dous grãos e meio.

Poderia ser feliz o povo com o emprego util deste dinheiro, mas dada a condição em que se arrastava — sem instrucção, sem industria, sem vida economica desafogada — deve com justiça dizer-se que as gemmas preciosas e o oiro reluzente e voraz encobriam um estado de verdadeira miseria. Era o esterquilinio coberto de neve, de que algures falla Bernardes.

Pois para onde foram todos estes milhões? Quasi um terço sumiu-se nas obras de Mafra, mais do que isso enviou-se para Roma a fim de se comprar a honra de ter uma patriarchal (1)!

Mas as náos que vinham do Brasil não traziam só oiro, traziam tambem carne humana para rechinar. De vez em quando chegavam tropas de desgraçados, que uma destreza gentil de algozes arrojava á chamma das fogueiras inquisitoriaes...

(1) Cfr. Vilhena Barbosa, *Estudos historicos e archeologicos*, I, 1874, 271-277.

Ayuntamiento de Madrid

Prova-o a propria biographia de Antonio José, que agora passamos, a largos traços, a expor.

III

A biographia do famoso dramaturgo português, de quem hoje publicamos as duas obras primas, segundo o nosso modo de vêr — a *Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança,* e as *Guerras do Alecrim e Mangerona* (1), as duas comedias em que melhor e mais completamente se revelam as qualidades genuinas e authenticas do seu talento e que só por si demonstram como na sua alma ardia a luz duma poderosa vocação, tem sido muitas vezes emprehendida, com maior ou menor felicidade, por nacionaes e estranjeiros (2).

E não admira.

(1) Esta comedia forma o vol. VI da collecção que publicamos na casa editora França Amado com o titulo de — *Subsidios para o estudo da historia da litteratura portuguesa.*

(2) Merecem menção especial: Sr. Theophilo Braga, *Hist. do theatro português* — « A baixa comedia e a opera, seculo XVII », Porto, 1871; Innocencio Francisco da Silva, *Dicc. Bibliographico,* I, 176; Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico,* X, 328 e seg.; Sr. Ramos Coelho, artigo inserto na *Illustração Luso-Brasileira,* Lisboa, 1856, I, 190-192; J. C. Fernandes Pinheiro, que reproduziu *in-extenso* os dous processos inquisitoriaes na *Revista trimensal do Instituto historico, geographico e ethnographico do Brasil,* 3.º trimestre (1862), 380-419;

Ayuntamiento de Madrid

Antonio José da Silva contava apenas trinta e quatro annos de idade quando a inquisição, na sua ferocidade estupida e sanguinaria, lhe cortou a existencia fazendo-o queimar publicamente numa praça publica de Lisboa, depois de lhe atormentar a existencia desde o periodo risonho da mocidade, quando ainda cursava as aulas da Universidade de Coimbra.

Como todas as victimas merece naturalmente a nossa piedade, arrasta a nossa sympathia. Mas neste illustre português concorrem varias circunstancias que impõem e chamam até imperiosamente a nossa attenção, logo alvoroçada de applauso desde os primeiros momentos em que o começamos a conhecer.

Vemos dum lado um homem activo, intelligente, bondoso, honesto cidadão, honrado chefe de familia, sobresaindo numa epoca e num meio hostil acima dos seus contemporaneos pelo talento de escriptor de que era dotado, e pelo outro lado depara-se-nos uma cohorte de homens-feras, armados em nome da lei, que era uma iniquidade, e de garantias,

---

J. M. Pereira da Silva, *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, Paris, 1858, I, 243; F. A. de Varnhagen, *Florilegio da poesia brazileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles*, Lisboa, 1850, I, 199; F. Wolf, *Dom Antonio José da Silva, der Verfasser der sogennanten Opern des Iuden*, Wien, 1860; Graetz, *José da Silva, ein tragisches Opfer der Inquisition. XVIII Iahrhundert* na revista *Monatschrift des Iudenthums*, 1880; Ernest David, *Les opéras du Juif Antonio José da Silva 1705-1739*, no jornal *Les Archives Israelites*, e em separata, Paris, 1880. Sabe-se que C. Castello Branco entreteceu com a vida do dramaturgo um lindo romance, a que pôs o titulo de — *O Judeu*.

Ayuntamiento de Madrid

que representavam uma affronta, roubando esse homem ao seu lar, onde tinha paes que o haviam creado e educado com disvello, uma consorte que o idolatrava, e uma creança que nelle tinha a garantia do seu futuro, roubando-o a todos os carinhos e a todos os afagos para o arrojar á hediondez duma masmorra e depois a um patibulo infamante. Porque?

O estudo que passamos a fazer satisfará a nossa curiosidade, justificadissima quando, como aqui, se trata duma personagem, que tem nome tão illustre na historia do theatro português.

*

Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro a 8 de maio de 1705, mas tinha apenas oito annos de idade quando veio para Portugal, donde nunca mais saiu até ao dia do seu passamento, occorrido no dia 19 de março de 1739 (1). Seus paes, o advogado João Mendes da Silva e Lourença Coutinho, descendiam duma familia de judeus portugueses, que tinha emigrado para o Brasil no intuito de disfructar a vida e a liberdade, constantemente periclitantes no continente pela furia indomavel da inquisição. Mas em breve o temivel tribunal estendeu a sua alçada até ás colonias.

(1) « Deverá ser contemplado na historia brasileira? pergunta Sylvio Romero (*Historia da Litteratura Brazileira*, pag. 194). Creio que sim por tres rasões principaes: o nascimento, a familia, que sendo tambem fluminense, inoculou-lhe n'alma o sentimento nacional, e, finalmente, a natureza do seu lyrismo, que é brasileiro. »

Ayuntamiento de Madrid

Essa introducção, escreve Varnhagem, além de impolitica foi barbara, quando não desleal e traiçoeira, como succedeu no Brasil, a respeito das familias que occultamente seguiam a religião do Talmud. Algumas dessas familias haviam para alli sido levadas pelos proprios donatarios, a titulo de que suas capitanias tinham privilegios para os homisiados; outras tinham passado no tempo dos Hollandeses; e com estes quando evacuaram Pernambuco foi capitulado que taes familias não seriam perseguidas, e antes se respeitariam seus haveres, etc. Esta capitulação cumpriu-se a principio; as familias dos judeus, julgando-se em segurança, começaram a entregar-se tranquillas ao trabalho e muitas, graças á sua actividade, se locupletavam prodigiosamente, sobretudo no Rio de Janeiro... (1).

A Espanha tinha-nos dado o exemplo, mandando perseguir os judeus e marranos, que se refugiavam nas suas colonias. Em 1571 introduziu a Inquisição no Mexico, começando passados tres annos os autos-de-fé, muitas vezes illuminados pelas chammas devoradoras das fogueiras (2). Portugal, procedendo semelhantemente, começou por Goa, onde foi primeiro inquisidor o arcebispo D. Gaspar de Leão. Lá, como depois no Brasil, a minima suspeita de sangue judaico era punida com todo o rigor. No auto-de-fé celebrado em Lisboa em 15 de dezembro de 1649 foram queimados cinco judaizantes de Pernambuco. No Rio de Janeiro a perseguição aos marranos começa em

(1) *Ob. cit.*, I, pag. 201.
(2) *The Jewish Encyclopedia* (New-York and London, 1904), vol. VI, verb. « Inquisition », pag. 594.

Ayuntamiento de Madrid

1702 quando o bispo D. Francisco de S. Jeronymo de Evora foi nomeado governador. Por 1712 devia estar quasi terminada a caça aos judaizantes, pois que numa carta datada do Rio de Janeiro em 7 de dezembro do anno anterior um amigo noticiava a outro a prisão de mais de cem pessoas, *resto* dos christãos novos lá existentes (1). A familia do nosso dramaturgo veio para Lisboa pelos fins deste mesmo anno. Era contra a mãe de Antonio José que se levantava a accusação, que fez com que fosse presa a 10 de outubro de 1712. O marido, a quem as musas não foram extranhas (2), e que era um advogado distincto, não hesitou em acompanhar a esposa, trazendo tambem os filhos e, portanto, Antonio José, que ao tempo contava tam sómente sete annos de idade. Pôde D. Lourença Coutinho escapar-se ás perseguições dos seus algozes, soffrendo *apenas* o tormento e saindo *reconciliada* no auto-de-fé de 9 de julho de 1713. O marido, agora com domicilio fixado em Lisboa, abriu o seu escriptorio de advogado e pôde restabelecer o abalo economico, natural á mudança e deslocação do Brasil, pois que enviou seu filho para Coimbra, onde elle se matriculou na faculdade de canones. Em 1726, contando então vinte e um annos, Antonio José, que tinha ido passar as ferias á capital, foi subitamente preso. Sua mãe foi egualmente presa. As suspeitas que recaíam sobre a mãe, cujos menores passos, naturalmente e conforme o

(1) Cfr. *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, por Mgr. Piçarro, pag. 59, cit. em E. David, *ob. cit.*, pag. 6.

(2) As suas poesias nunca foram impressas, diz Varnhagen, *ob. cit.*, pag. 203.

Ayuntamiento de Madrid

costume, desde a primeira prisão deviam de ser cuidadosamente espionados, extenderam-se ao filho. A scentelha do talento lucilára no cerebro do moço estudante e elle não ensaiara o estro em assumptos insuspeitos, como, talvez propositadamente, o fizera o pai. Preso a 8 de agosto, a 16 soffreu o primeiro interrogatorio confessando que, effectivamente, durante algum tempo seguira as praticas moisaicas, que abandonara havia dois meses « convencido d'erro pela poderosa dialectica dum religioso, que na igreja de S. Domingos prégara sobre as excellencias da Virgem Santissima, dissipando-lhe de subito o Espirito Santo as trevas que lhe obscureciam a alma ».

As pesquisas foram seguindo os tramites do costume.

Taes interrogatorios eram, não obstante pretenderem devassar o que de mais intimo havia na vida e até na consciencia do interrogado e constituirem, portanto, já por si sós, um grande soffrimento, eram, dizemos, um ceo aberto comparado com o que se ia passar.

Depois da tortura moral a tortura physica, depois das angustias da alma, os cruciantes esmagamentos da carne, a trituração flagellante dos membros. Era ahi na lobrega espelunca, onde os instrumentos, manejados por ferás, geravam a loucura e a blasphemia, que os miseraveis iam ter uma visão do inferno. Antonio José foi sujeito a tormento a 23 de setembro. Atado em oito partes, como diz o processo, e levando meia volta em todas as ditas oito partes, durante um quarto de hora, supportou e soffreu o terrivel martyrio. Interrogado durante este tempo sobre o que o accusavam, admoestado mais uma vez a que não

Ayuntamiento de Madrid

occultasse as suas culpas, peremptoriamente declarou que nada mais, além do que já confessara, podia dizer. Foi então declarado hereje, apostata, ficto, falso, simulado, confitente, diminuto, e impenitente, tendo incorrido em sentença de excommunhão maior e na confiscação de todos os seus bens para o fisco e camara real, e nas mais penas de direito contra semelhantes crimes estabelecidos e, ademais, relaxado á justiça secular com a protestação ordinaria de tudo ter sido feito em inteiro cumprimento de justiça — *omni meliori modo, via et forma juris.*

Abominavel, pois não?

Antonio José vinte e um dia depois dos tormentos ainda não podia assignar o seu nome, de tal sorte lhe haviam sido triturados os dedos.

Mas como o reu confessou as suas culpas, diz o processo, e deu, demais, signaes de arrependimento, pedindo perdão e misericordia, é recebido no seio da Santa Madre Igreja, como pede, e mandam os Inquisidores que em pena e penitencia das ditas culpas, vá ao auto publico de fé na forma constituida com carcere e habito penitencial perpetuo, nelle oiça sua sentença e abjure seus hereticos erros em forma; será instruido nos mysterios da fé necessarios para a salvação da sua alma e cumprirá as mais penas e penitencias espirituaes, que lhe fôrem impostas, e manda que da excommunhão maior em que incorreu seja absoluto *in forma Ecclesiae.*

Em cumprimento desta sentença, a 23 de outubro foi o reu conduzido ao auto-de-fé, celebrado na igreja do convento de S. Domingos, com todo o apparato, estando presentes D. João V e os infantes D. Francisco e D.

Ayuntamiento de Madrid

Antonio, os inquisidores e os mais ministros da Mêsa, fidalgos e homens da Côrte, a arraia miuda — todos impregnados do mesmo furor cruelmente fanatico, aquelles, porém, mais culpados como constituindo a oligarchia dominante e exploradora.

*

Mas a ave de rapina espreitára a sua presa. A historia, os mesmos exemplos de casa, deviam bastar a convencer Antonio José de que mal lograria a salvação, uma vez que já o seu sangue lhe fumegára nas garras. Talvez que ainda o pai pensasse na volta ao Brasil. Talvez. Mas Lourença Coutinho continuava presa nos carceres do Santo Officio. Não tivera, como o filho, a felicidade de ser posta em liberdade. Dois annos mais tarde, em 12 de maio de 1728, ainda a transferem para novas prisões, a 3 de setembro de 1729 sujeitam-na á tortura e só a soltam em 16 de outubro desse anno depois de figurar, como penitente, no auto-de-fé. De resto Antonio José não concluira o seu curso na Universidade. O que de mais pratico se antolhava á familia perseguida era, sem duvida, concluir Antonio José a sua carreira universitaria para poder associar-se a seu pai na vida da advocacia e lograr a clientela que elle, como homem intelligente e de communicativa affabilidade, se dera pressa em grangear. Isso se fez. O estudante voltou a Coimbra e em 1728-29 tinha concluidos os seus estudos. Regressando a Lisboa o novel advogado ia encontrar uma sociedade ignorante e prevertida, inteiramente escravisada a uma

Ayuntamiento de Madrid

Côrte immoral e dissipadora, fanatica e hypocrita, em que dominava, como um bonzo oriental, D. João V, o mais prejudicial de todos quantos, com o nome de rei, têem governado esta boa terra portuguesa. Os males do reinado anterior haviam-se aggravado sob as apparencias falsas do ouro, de que abarrotava a oligarchia. Enquanto D. João V enviava milhões para Roma, ou os gastava doidamente em Mafra, na Capella de S. João Baptista, na Patriarchal, etc., o povo, como uma cabilda de ilotas e á semelhança dos antigos israelitas sob o mando despotico dos egypcios, ia trabalhando na unica grande obra verdadeiramente util — o aqueducto das aguas livres.

O espectaculo desta situação social não podia deixar de ferir quem, de intelligencia e caracter superiores, o examinasse a sangue frio. Mas era preciso proceder cautellosamente e não despertar a hydra. Assim confiando demasiado na sua prudencia Antonio José foi trabalhando ao lado de seu pai e forte com o seu appoio, antolhando-se um futuro prospero pensou em constituir familia. Vivia na Covilhã uma sua prima, por quem nutria arreigadas sympathias. A desgraça que a ambos ferira não devia ser extranha á mutua sympathia dos alvoroçados corações. De facto D. Leonor Maria de Carvalho, que assim se chamava a prima de Antonio José, chorava a orphandade da mãe, queimada pela Inquisição e a do pai, victima, talvez, do mesmo supplicio. A propria D. Leonor fôra já presa em Salamanca em 18 de novembro de 1725 e em Valladolid a 8 de dezembro do mesmo anno. Liberta enfim, depois de ter figurado num auto-de-fé, fôra exilada, recolhendo-se á Covilhã onde

Ayuntamiento de Madrid

tinha, a ajudá-la, o consolo duma irmã. Quís o destino que em 1734 a fosse procurar Antonio José para della fazer sua esposa. O novo lar constituiu-se e uma filhinha veiu no anno immediato cimentar a affectuosa união. Entre alegrias e temores a vida foi decorrendo para os esposos, elle entregue á labuta do escriptorio e do theatro, ella amenisando-lhe as canceiras na dedicação que lhe consagrava e ao pequenino ente, orgulho e vinculo das radiantes esperanças de ambos.

Mas esta acalmia durou pouco tempo. A 5 de outubro de 1737 Antonio José da Silva e sua esposa foram presos sob o pretexto de judaizarem. Uma escrava os denunciara como observadores das praticas judaicas. Organizou-se o processo; mas entrementes, estarrecida de medo, morria nas prisões onde acompanhava os patrões, a escrava. Outros delatores appareceram, declarando o que mais gravemente depôs, um soldado que o acompanhara no carcere durante algum tempo, que elle jejuava judaicamente, que o incitara a ella testemunha a não resar as contas, só o acompanhando quando resava as Ave-Marias, que cuspia nalgumas imagens que havia no carcere e que não comia carne. Outros deposeram que, de facto, resava as Ave-Marias de joelhos, que se benzia antes e depois de comer. Mas tambem houve quem o não visse benzer-se depois de comer. Um tal Gomes Prego pôde observar que Antonio José *era pallido,* mas que estava bem disposto e poderia comer, se quisesse. E nisto, nestas contradicções, se resolve a accusação. Tinha escripto comedias várias o réo, eram conhecidas de todos, pois haviam sido representadas com applauso no

Ayuntamiento de Madrid

theatro publico, mas não puderam os inimigos do réo ater-se a ellas, ou citar qualquer passagem contraria á fé ou á moral, em que pudessem fundamentar uma perseguição que tratava pura e simplesmente de inutilizar um homem, cujo talento theatral os incommodava pelas tendencias e ideas geraes manifestadas.

Se Antonio José nutriu algumas esperanças de salvação e é de crer que sim, attenta a nullidade da accusação e a innocencia que elle affirmava de si em protestos vehementes, depressa as deveu perder.

A 18 de outubro de 1739 realisava-se um auto-de-fé na igreja de S. Domingos de Lisboa e ahi se lia a sentença, que o entregava ao braço secular « pedindo com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente e não proceda a pena de morte, nem effusão de sangue », formula feroz, na sua hypocrita benevolencia apparente, mas que era da letra dos codigos inquisitoriaes de qualquer parte que fosse.

Giordano Bruno tambem foi queimado vivo no Campo das Flores, em Roma, no dia 17 de fevereiro de 1600, e tambem na sua sentença se lia *que fosse punido da maneira mais clemente e sem effusão de sangue!*

Pela leitura da lista dos condemnados nesse auto-de-fé pôde Antonio José ficar sabendo o destino que esperava sua mãi e sua esposa — ambas presas *a arbitrio!*

E enquanto ellas ficaram penando na obscuridade do carcere, Antonio José, na praça publica foi amarrado ao poste e, porque fôra accusado de judaizante e não de judeu, houvese com elle a misericordia de o não queimar

Ayuntamiento de Madrid

vivo. Foi primeiro degollado e depois é que o seu cadaver foi reduzido a cinzas.

Era em outubro de 1739.

*

1739!

Precisamente fazia nesta data sessenta annos que « da parte dos tres Estados do Reino foi o Bispo de Elvas e seu companheiro falar com o Nuncio, com carta de cada hum dos Braços do Reino para Sua Santidade, em que lhe representavam a muita necessidade que tinha o Reino do Tribunal da Inquisição, pelo muito que os Christãos Novos se hião desaforando, referindo-lhe casos particulares, pedindo ao Nuncio informasse da verdade... Escreveo S. A. ao Nuncio apadrinhando as cartas dos tres Braços do Reino... (1) »

D. João V tivera assim, satisfeito este pedido dum dos seus antecessores, o raro prazer de poder assistir a autos-de-fé, onde forragearia assumpto de molde a animar os Conselhos da Coroa, medindo competencias com os seus assessores que lhe pediam conseguisse do Papa o livrar-nos de espiritos malignos, e de feitiços, e lhe davam conta da confissão prodigiosa duma Feiticeira que cahira em seu poder (2), isto enquanto Sua Majestade solicitamente se informava de quanto rendiam as esmolas

(1) Cfr. *Monstruosidades do tempo e da fortuna,* ob. cit., pag. 318.

(2) Vid. Alexandre de Gusmão, *Collecção de varios escriptos ineditos, politicos e litterarios,* Porto, 1841, pag. 66.

Ayuntamiento de Madrid

das almas (1) e ia ouvindo, talvez, distraido, alguns dos apophetegmas de Supico, o sentencioso, de quem muito gostava para o entretenimento das longas noites de inverno (2), se é que não lia, recatadamente, algum bilhete almiscarado que alcaiota afidalgada lhe trouxesse de Odivellas, recatadamente, não fosse surprehendê-lo a senhora Rainha D. Marianna de Austria...

IV

A obra dramatica de Antonio José, que o publico de Lisboa pôde ver desempenhada no theatro do Bairro Alto durante o periodo que vai de 1733 até 1738, resume-se nas seguintes comedias: *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* (1733), *Esopaida* (1734), *Os encantos de Medea* (1735), *Amphitrião ou Jupiter e Alcmena* (maio 1736), *Labyrintho de Creta* (novembro 1736), *Guerras do alecrim e mangerona* (carnaval 1737), *As variedades de Proteo* (maio 1737), *Precipicio de Faetonte* (1738) (3).

(1) *Ibid.*, pag. 44.

(2) Veja-se o curiosissimo e injustissimamente esquecido livro *Considerações sobre as causas da elevação e decadencia da Monarchia Portuguesa desde Affonso I até D. Maria II*, por Ignacio José de Macedo, Lisboa, 1834, pag. 98

(3) Colleccionadas no *Theatro Comico Portuguez ou Collecção das operas portuguezas que se representaram na casa do theatro publico do Bairro Alto de Lisboa*, tom. I e II, Lisboa, 1787, 8.º.

Ayuntamiento de Madrid

Nestas comedias Antonio José mostrou possuir verdadeiro talento dramatico. O chiste e uma certa graça aristophanica descobrem-se a cada passo e revelam-nos bem de que seria capaz o seu auctor, se pudesse viver mais alguns annos dedicado á sua orientação e gosto. Mais do que qualquer outro da sua epoca, elle estava talhado naturalmente para levantar o theatro português da tunica de Nessus em que andava envolvido com as producções estranjeiras, as mais saboreadas pelo publico avido de espectaculos. Em 1658 publicava-se em Lisboa a *Musa entretenida de varios entremeses,* que em 1695 tinha segunda edição. Alguns annos depois, em 1709 apparecia a *Musa jocosa de varios entremeses portugueses e castelhanos,* publicada, dizia o colleccionador, por a primeira ser já obra rara. As *Musas* equivaliam-se nos meritos, que eram nullos, é claro, mas o publico assim estava educado, que fugia para as sensaborias, em regra rimadas, de castelhanos, italianos, franceses, ou de portugueses, para evitar outras maiores — a dos jesuitas, com as suas famigeradas tragi-comedias (1).

(1) Eis como o P. Manoel Bernardes (1644-1710) se referia ao theatro do seu tempo: « ... sem duvida que o assistir ás comedias, do modo que hoje se usão, damnifica, ou pelo menos arrisca a castidade. Porque o que ordinariamente vemos nellas são assumptos amatorios representados por mulheres moças de roim viver, bayles indecentes, trajes descompostos (e ás vezes transpostos, saindo a femea com vestidos de varão), affectos lascivos metidos em verso, para se pregarem mais na memoria, tonilhos, e serabandas muy picadas, que parece as inventou o diabo, galantejos tecidos com tal arte sobre a trama da historia ou fabula, que a alma gosta do mesmo veneno que esta bebendo ». Vid. *Armas da Castidade,* ed. dos *Varios tratados,* II (1737), 536-537.

Ayuntamiento de Madrid

Antonio José podia ter, se o meio e a epoca o permittissem, vinculado o seu nome a uma acção benefica em favor do renascimento do theatro. Mas tanto aquelle como esta lhe foram hostis. Com a triplice licença do Desembargo do Paço, do Ordinario e do Santo-Officio, ninguem poderia exigir expontaneidade e graça numa obra litteraria. A figura do inquisidor era uma espada de Damocles, constantemente suspensa sobre a cabeça dos auctores (1).

Assim uns remettiam-se commodamente ao silencio, outros escreviam ou faziam escrever verdadeiras torpezas litterarias, para só ficar o pequeno numero dos que reagiam e que tinham a sorte de Antonio José, se não logravam escapar-se como o Cavalheiro de Oliveira e tantos mais — fugindo para além fronteiras.

Antonio José deu o flanco aos seus adversarios. A sua liberdade está longe da vincentina, mas admira, ainda assim, a audacia em apontar á risada sardonica das multidões uns tantos typos, que o convencionalismo hypocrita da epoca guindára ao respeito de toda a gente. Apontemos alguns exemplos.

Na *Esopaida* o bacharel é exposto ao desprezo duma forma sangrenta: quando Zenão vai vender dois escravos que tem, por os achar de manhas intoleraveis — um é bebedo, o outro ladrão — pergunta um d'elles:

Esopo.—Quaes são as minhas habilidades ou virtudes?

(1) Dahi as costumadas *protestações:* « As palavras Deoses, Divindades, Fado, etc., são expressões poeticas e não de quem as escreveo, que protesta ser verdadeiro catholico ». E outras identicas.

Ayuntamiento de Madrid

Zenão.—São boas! primeiramente mexeriqueiro e bacharel...

E continuando:

Zenão.—« ... e o ser alcoviteiro não presta?... »
Esopo.—Se vossa mercê me vende por isso não faltará quem por isso me compre. Ora o certo é que estamos em bom tempo, que se não sabem estimar os homens de prendas ou as prendas dos homens.

Noutro logar Esopo repelle as declarações d'amor duma cosinheira, dizendo:

Esopo.—... Não vês que... eu sou um Doutor?
Geringoça.—Tu és Doutor?
Esopo.—Quando nada! porque? não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a um Doutor casar com uma cosinheira? Já se tu foras doutora tranca, porém uma creada chirle, fedendo a adubos, *non sufretur in rerum natura.*
Geringoça.—Ai! tu sabes latim?
Esopo.—*In totum, ite, ite ad temperandas panelas.*
Geringoça.—Agora te quero mais: olha, que importa que tu sejas Doutor? Não ves que o cavallo alimpa a egoa?
Esopo.—*Ergo cavallus sum ego?*
Geringoça.—Não entendo o que dizes, falla-me como d'antes.
Esopo.—*Nom possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*
Geringoça.—Donde aprendeste isso tam depressa?
Esopo.—*Venit ab alto et non te importat.*

O ridiculo lançado sobre as conclusões não é menor. Não lhe poderiam perdoar os graves mestres e doutores da Escolastica vendo assim expostas no tablado as suas doutrinas e os seus methodos.

Esopo.—... Calle-se, que não ha-de levar a melhor do seu Mestre, pois ainda que diga uma asneira sempre ha-de vencer. Deixe-o agora comigo que hei-de baqueá-lo: *faciat mihi dicendi veniàm, Pater Magister barbatus, et enamoratus cum Mixela sua, contra punctum*

Ayuntamiento de Madrid

corridum sic argumentor: se o indicio maior do amor fosse a tristeza *non tangeretur violam Barbeirus visinhum meum, ad namorandam cachopam: sed sic est,* que a viola é significativo de alegria: *ergo Barbeirus ad namorandam fregonam non usaretur* de cousa alegre.

PERIANDRO.—Nego a menor, que seja a viola significativo de alegria, pois ás vezes nella se tangem sons tristes.

ESOPO.—*Non potest esse: argumentor ita*: não haverá barbeiro que *ad namoradam, vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado, *atqui* que o oitavado é som folgazão, *ergo amor inginhatur* com cousa alegre.

XANTO.—Distingo: o oitavado é som folgazão, *ut vulgo* o arrepia, concedo; porém se o oitavado é molle, nego.

ESOPO.—Tudo o que é molle se arrepia, o cabello se arrepia, porque é molle, *ergo*, o oitavado molle e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta; assim o diz Saleno: *omne molle arripiatur* ou *surripiatur*, como diz a glosa...

Mas havia mais. O dramaturgo não poupava os magistrados, a quem indirectamente accusava de corruptos e de venaes.

— « ... isto de justiça é cousa pintada e tal mulher não ha no mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a Senhora Dulcinea del Toboso, nem mais nem menos, porém como era necessario haver esta figura no mundo, para meter medo á gente grande, como o papão ás creanças, pintaram uma mulher vestida á tragica, porque toda a justiça acaba em tragedia, taparam-lhe os olhos, porque dizem que era vesga e que mettia um olho por outro, e como a justiça havia de sair direita, para não se lhe enxergar esta falta lhe cubriram depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo hade levar a espada que é o mesmo que a torto e a direito... »

.....

Muitas outras passagens poderiam ser citadas nas quaes Antonio José castigava as ridicularias do seu tempo com um desassombro, que por força lhe deveria ser fatal. Talvez

Ayuntamiento de Madrid

que elle suppusesse que não merecia castigo, nem severidades, quem, como elle, apenas parecia ter em vista deleitar e distrahir as multidões que acorriam ao Bairro Alto a applaudí-lo, talvez imaginasse que usariam com elle da benevolencia e da bondade, de que aproveitou uma das personagens da sua comedia *Esopaida*. O celebre philosopho Esopo tinha sido condemnado á morte, mas antes de morrer pediu que lhe ouvissem duas palavras. E conta o seguinte apologo:

« Era uma vez um villão que vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruiam, começou um dia a matá-los, e como visse uma cigarra, tambem lhe quis tirar a vida, ao que respondeu a cigarra: Tenha mão vossa mercê, que sem razão me mata, pois eu não offendo as plantas da terra, antes com a minha voz alegro aos caminhantes. Perdoou-lhe o villão, ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte, ó rei, eu não sou figura para te fazer opposição, nem que destrua o teu reino, sou sim uma cigarra que não tenho mais do que esta voz, ou esta industria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta Praça, e se um villão perdoou a morte á cigarra, tu que és rei, porque me não perdoarás tambem?... »

Esopo foi perdoado, mas se esperava igual clemencia Antonio José enganou-se. A inquisição, como vimos, não lhe perdoou o canto.

*

As comedias de Antonio José sobre nos instruirem acerca do que poderemos chamar o estado mental da sua epoca, são tambem muito curiosas pelo que nos dizem dos costumes e vida desse tempo. Como elle não retratou os

Ayuntamiento de Madrid

peralvilhos tão famosos do seculo XVIII nas *guerras do Alecrim e da Mangerona!* Não é possivel fazer transcripções. E' ler toda a comedia. E que não ha exagero na caricatura ou retrato desses tafues, dos seus habitos como das suas maneiras, do seu modo de vestir como do de pensar, da sua linguagem como dos seus gostos vê-se por contraprova, doutras comedias ou documentos dos mesmos tempos approximadamente.

Fallando das « qualidades que devem brilhar em um cavalheiro para ser admirado na ordem de bizarria moderna » escrevia de Viena de Austria, em 1737, o Cavalheiro d'Oliveira: « ... Não pareça no mundo sem um grande e dobrado topete da ultima moda, empastado com polvilhos e com pomada, e sem uma larguissima fita que lhe rodeie o pescoço, e que lhe faça uma formosa rosa debaixo da barba. Haja grande cuidado em que tenha mais pós sobre os hombros do que miolos dentro da cabeça, e em que traga um bom espadim, ainda que elle possa passar mui bem sem o ornamento da espada. Encubram-se os copos e punho deste espadim com um soberbo laço, em que haja borlas, cordões, e canotilhos de muita diversidade. Não seja o seu chapeu muito maior do que uma escumadeira, ainda que elle seja de grandissima estatura, e é essencial que se veja guarnecido de um ponto de prata ou de ouro, porém larguissimo, de sorte que confundindo a vista pareça que traz o chapeu embrulhado em uma renda. Use de uma cana, ou de uma bengala retorcida em cajado, e tenha o cajadinho seis polegadas pelo menos ... » (1).

(1) *Cartas*, etc., II, 365 e seg.

Ayuntamiento de Madrid

Numa comedia de 1785 apparecem egualmente curiosos retratos dos costumes femininos em tudo correspondentes aos dos peralvilhos e que nós transcrevemos para que se veja como Antonio José nada exagerou ao apresentar personagens identicas nas suas obras.

...Nós as Cortezãas, que por lindeza
Só trajamos *fivellas á Malteza,*
Andarilhas, e *Nizes, passamanes,*
Em que se enlevam todos os galantes
Tanto maior ventagem lhes levamos
Quam distincto he o asseio, que trajamos.
Por mim diga cada qual o que quizer,
Que mais gentil do que eu não vi molher:
Alzibeiras de barbas arqueadas,
Roupinhas manga abaixo bem cortadas,
Os Fraiques, Zirbilés, as Dezestradas,
Castelhanas, Marquezinhas ajustadas
Saias ora de barras ou de folhos,
Fitas crespas, que alegrão muito os olhos,
Airosos espartilhos á Inglesa
Que formozeão bem qualquer belleza,
Chega-te a mim, custozos Jozesinhos
Com borlas, alamares, cordõesinhos,
Conselheiros, Confidentes, Chorões, pôpas,
Que por melhores serem, serão fôfas,
Os girasoes de fitas na cabeça,
Que de todas foi sempre a melhor peça
Teem sido os meus adornos mais mimosos
Aprasiveis, galhardos e custosos... (1)

(1) « Entremez da disgraçada peraltice intitulado
Molher, que não tem conselho,
Perde o seu e mais o alheio.
ratada curiosissima, que leva as palmas a todas as Ratazanas do mundo: fundida do caco do pouco sabão, e vazada nos moldes da charlanateria da moda pelo mais sabio contramestre Ratoneiro, e Mestre das Minas á custa do dinheiro alheio. Sergio Saldanha Sardinha e Sarzedas ». Lisboa, na off. de Lino da Silva Godinho. M.DCC.LXXXV. 23 pag.

Ayuntamiento de Madrid

Em relação aos *toucados* immortalizados num soneto celebre, que erradamente, por signal, tem sido attribuido a Nicolau Tolentino, eis esta preciosa indicação, preciosa, entenda-se, sob o ponto de vista da indumentaria.

.....

D. Lesma. —Esta popa não chega a ter dous palmos
Palurdo. —Escarranche-lhe em cima alguns enxalmos
D. Lesma. —Não me entendo com isto

Atira á casa com almofadas e trapos.

Valentim. —Minha mana,
Faze-o como souberes, que hoje ufana
Ficarás da funcção, que has-de ver logo.
D. Lesma. —Muito me obriga o modo do teu rogo.

Continúa o penteado.

D. Bigorna.—De vagar, de vagar que me arrepelas
Valentim. —Aqui tens de casquinha estas fivellas,
Vem por amostra e levo-as amanhã,
Faze mais esta secia de tolã
Bravissimo toucado ! está bem alto !
D. Lesmã. —Mas de coisas que brilhem muito falto.
Palurdo. —Isto sam altos de que eu pouco fio,
Porque sempre se pagam de vazio
D. Curuja. —Onde aprendestes tanta liberdade
Palurdo. —Não se espante de ouvir o que é verdade
Algum dia estudei para doutor,
Mas faltaram-me as posses no melhor.
Valentim. —Ve que fique o crescente bem coberto.
Palurdo. —Cabellos nem assim pegam de enxerto
Ora sempre sam cousas bem galantes,
Crescentes com cabeças de minguantes !
Depois que deo a moça que se adorna
Em meter os cabellos de tiborna
Cevando em pós e banha a trança aguada
Pera fingir que é bem encabellada.
Estando como barbas de remolho
Temendo que se dê neste refôlho
Não vejo de cabello mulher farta
Todos o tem comido de lagarta.
Valentim. —Ainda D. Bigorna não esta prompta ?
D. Lesma. —Falta-lhe muita cousa para a conta,
Nem plumas, nem chorões, nem fitas tenho.

Ayuntamiento de Madrid

PALURDO. —Caspite ! que funcção de desempenho !
VALENTIM. —Porque ? vocês não tem fitas lavradas ?
D. BIGORNA.—Tenho duas mas foram já lavadas ;
E não sei que remate lhe heide pôr.
PALURDO. —Ponha-lhe em cima aquelle espanador (1).

E noutro logar :

... De que servem as funcções
A que vem de patrulha os maganões,
E mulheres que tem cada toucado
Mais alto do que as armas dum veado (2) ?

E' tambem numa comedia deste seculo que nós achamos perfeitamente retratado um *oiteiro*, como era de uso e vulgarissimo fazer-se então. Toda a descripção que fizessemos não poderia ter o colorido da que nos deixou a testemunha presencial, que foi Pedro Antonio Pereira na sua comedia *O outeiro ou os poetas afinados*. Como se vai ver, o trecho tem ainda um sabor litterario e uma graça muito apreciaveis.

Rua e no fim umas casas grandes, com uma varanda, aonde dançam contradanças, e todas as casas com luminarias. Poetas, Povo...

POETA 1.º —Que vivam as luminarias !
POETA 2.º —Muita gente está no Outeiro.
POETA 3.º —Não ficou alfaiate ou serralheiro
Que deixasse de vir a esta funcção.
POETA 4.º —Que vivam os cagalumes
POETA 5.º —Victor sério, venha mote
POETA 6.º —Venha mote
VIVACIDADE. —La vai : « O' que noite tão brilhante ! »
POETA 1.º —*(Batendo as palmas)* « O' que noite
[tão brilhante ! »

O ceo se vê matizado
De diff'rentes côres bellas,

(1) Do *Chocalho dos amos de D. Lesma*, de L. J. Pimenta, na officina da Patriarchal, 1783, pag. 4-5.
(2) Id., *ibid.*, pag. 14.

Ayuntamiento de Madrid

Que reluzem das estrellas,
De que se ve animado.
Nuve não ha que manchado
Deixe este brilhar constante,
O vento vagando errante
D'aqui longe se retira,
Nem um só mortal respira :
O' que noite tão brilhante !

POETA 2.º —Bravo ! bravo ! Venha mote !
SATURNA. —La vai. [Senhora.
OS POETAS. —Venha minha Senhora, venha minha
SATURNA. —« Dê as mãos á palmatoria ».
POETA 2.º —*(Batendo as palmas)* « Dê as mãos á [palmatoria ».

Um til me não falta, não,
Nos justos pontos de amar-te
Pois cheguei a trasladar-te
Fiel no meu coração :
De amor a doce lição
Teve sempre por vãgloria
Trazê-la bem de memoria
E se não viste erro meu,
Feliz, não é justo que eu
Dê as mãos á palmatoria

. . . . . .

LAMBISQUEIRA.—La vai mote : « De saudades morrerei ».
POETA GAGO. —« De saudades modedei ».

Cantou Manoel e Sofia
Xoão, Antonio, Xosé,
Cantou Custodio e Thomé,
Cantou Xosefa e Madia
Caetana cantou, e Idia,
E Helena, quando cheguei,
Cantou, e tambem cantei,
E todos quantos se axadam
Na funcção, todos cantadam
De saudades modedei.

POETAS. —Viva o senhor entupido.

Cantam da varanda uma modinha :

MODA

Se fores ao fim do mundo
Lá mesmo te heide ir buscar

Ayuntamiento de Madrid

Em qualquer parte que estejas
Eu sem ti não posso estar.

Chega a hora de dormir,
Eu não me posso deitar,
Todos dormem e socegam
Eu sem ti não posso estar.

Fileno, cruel Fileno!
Não me acabes de matar
Que eu sem ti não tenho vida,
Eu sem ti não posso estar.

VIVACIDADE. —*(Em voz baixa)* « Não pode haver [maior gloria ».

POETAS. —Mais alto, minha senhora!

OUTROS. —Sim, ora mais alto, minha senhora.

SATURNA. —Senhores, estejam quietos. E não metam tanto a bulha: « Isso é peccado mortal ».

POETA 1.º —De que Deos nos livre!

POETA GAGO. —Doces lembranças da passada glolia,
Que me tiou fotuna doubadora;
Deixai-me descançar em paz uma hoa
Que... Q... Que...

POETA. —Vá para a escola, fóra o tolo!

OUTROS. —Fora José Piegas.

POETA GAGO. —Cada um entéra seu pai como pode.

POETAS. —Ah! ah! ah!

POETA 4.º —« Isso é peccado mortal ».

Triste cousa é ser molher
Ter uma vida exquisita,
Vive em prisão se é bonita,
Se é feia ninguem a quer.
Sempre a fiar ou cozer,
Não ha desventura igual!
E se por desgraça é tal,
Que tem uns longes de bella,
O chegar a uma janella
Isso é peccado mortal!

POETAS. —Bravo! bravo!

Apparece um arrieiro cantando:

Chóro, chorarei, chorando,
Faço gosto de chorar;

Ayuntamiento de Madrid

Por aquillo que é meu gosto
Não se me dá de acabar.
Ai lé ! Cupido !
Quero chorar de uma vez
Pois me dou por despedido.

Sahe um Velho a cavallo com um Preto, que figura seu escravo, tambem a cavallo.

POETA.—Ah ! seu velho ! vai para alguma romaria ?
OUTRO.—Quantas horas tem contado ?
OUTRO.—O senhor é do tempo dos Affonsinhos !
PRETO.—O' sioro ! não intera com que vai andando !
TODOS.—Atchim ! passa fóra, cachorro.
PRETO.—Os cachorro tem rabo : veza como os fára.
OUTRO.—Vai para Cacilhas roer o osso.
VELHO.—O' preto ! anda para diante.
PRETO.—O' sioro, da-me essa espada ferugenta, que quero fazer tudo em frangaio.
TODOS.—Atchim ! atchim !
PRETO.—Espera, angola, siu : ai pim pim Bairro Alto !

Levantam-se os Poetas, entram a brigar em desordem, apeia-se o Preto, e o Velho, chegam as mulheres ás janellas, ha gritos, entram os cavallos aos galopes; saem á rua differentes figuras e acaba-se o entremez na maior desordem, que se possa fazer (1).

*

Não acabaremos as ligeiras apreciações que vimos fazendo sobre a obra de Antonio José sem accentuarmos os seus meritos de poeta. Não passam elles despercebidos a quem ler as suas comedias. D. João V transplantando para Portugal a opera italiana fez nascer um novo genero — as *operas portuguesas*. De todos os

(1) *O Outeiro ou os poetas afinados*, por Pedro Antonio Pereira, comico português. A scena é em Valle de Cavalinhos. Lisboa na off. de Domingos Gonçalves, 1783.

Ayuntamiento de Madrid

auctores dramaticos estranjeiros nenhum houve que merecesse mais as graças do publico do que Metastasio. As suas comedias, traduzidas e adaptadas, forneciam o maior contingente para os theatros da capital. Andavam os volumes dellas nas mãos de todos. Os traductores, porém, para satisfazerem o gosto popular começaram a introduzir no entrecho personagens graciosas.

Antonio José da Silva em vez de se perder na turba-multa dos traductores anonymos fez obra propria, original e autonoma. Escrevendo em prosa introduziu porém o canto como nas operas que conhecia e que pejavam o theatro. Isso deu-lhe ensejo a revelar-se poeta de merecimento, ora ferindo a corda da jovialidade, ora deixando escapar sentidos queixumes. Para o caracterizar sob este ultimo aspecto bastará ler a *Gloza dos versos do conhecido soneto de Camões « Alma minha... » por occasião da morte da infanta D. Francisca em 1756,* de que não transcreveremos aqui senão as tres primeiras oitavas:

Que importa que separe a fera morte
Os extremos que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intíma o córte
Vive a alma no affecto mais unida:
E posto te imagine — oh triste sorte! —
Nos horrores dum tumulo escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
« *Alma minha gentil que te partiste.* »

Se no regio pensil flor animada
Púrpuras arrastava a galhardia,
Por isso na belleza inseparada
A duração efemera existia:
Se está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia
Que muito te ausentasses levemente,
« *Tão cedo desta vida descontente?* »

Ayuntamiento de Madrid

Como flor acabou quem rosa era,
Porém nessa fragancia transitoria
Não quis ser flor na humana primavera,
Por viver serafim na excelsa gloria :
Já que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alto victoria,
Apesar da saudosa dor vehemente
« *Repousa lá no ceo eternamente.* »
.....

A facilidade com que manejava o verso vê-se das suas composições ainda as mais ligeiras, as arias e coplas, de que ha varios exemplos nas suas comedias (1). Dos sonetos só trasladaremos aqui um, por versar um thema muito querido dos quinhentistas, a definição do amor, e que vem inserto na *Esopaida :*

Ora aspiro, ora temo, ora duvido ;
Ora grave, ora meigo, ora severo,
Ora engeito, ora peço, ora não quero,
Ora paro, ora tenho, e ora envido :

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido,
Ora prompto, ora timido, ora féro,
Ora livre, ora escravo, e ora impero,
Ora amante, ora ingrato, ora sentido,

Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me assanho,
Ora já, ora não, e ora logo.

Ora envido, ora perco, e ora ganho,
Ora incendio, ora neve, e ora fogo,
Estranho variar de amor estranho !

Ha *anacreonticas* que respiram um alto sentimento amoroso, cheio de espontaneidade,

(1) A pag. 194 da *Esopaida* vem esta faceta cantiga de origem popular :

O amor é uma albarda
Que se põe em quem quer bem
Eu por não ser albardado
Não quero amar a ninguem.

Ayuntamiento de Madrid

mas ao mesmo tempo correctissimas, como esta:

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicíta o mesmo ardor...
Tal, ó Clori, me imagino,
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

Ou est'outra:

Ditosa pastorinha
Que alegre em verde prado
Só cuida no seu gado
Ao som da melodia,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu pastor.
Politicas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
A' fé de um casto amor.

Não era menos natural a jocosidade traduzida em versos que deixou espalhados por uma ou outra das suas comedias:

Viram já vocês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato,
D'ali diz-lhe a moça *çape!*
E o gato responde *miau*,
E a senhora grita *xó?!!*
Dessa sorte amor tyranno
Faz das unhas duras frechas,
Que trepando da almas ás brechas,
Corações, fressuras, bófes,
Come, engole e faz em pó.

O numero destas composições é relativamente pequeno, mas sobeja para demonstrar

Ayuntamiento de Madrid

os dotes de poeta, que exornaram o talento de Antonio José. Com taes qualidades era de prever até onde poderia chegar o illustre escriptor, se a sorte não tivesse sido com elle tão implacavel. Com que amargura não teria elle escripto estas palavras que põe na bocca duma das suas personagens e que indicam que elle antevia o futuro sombrio que lhe estava reservado:

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influís com luz opaca,
Rigor tão fero contra um innocente;
Que delicto fiz eu para que sinta
O peso desta asperrima cadêa
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão e o susto mora!
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
E' culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa que tenho não é culpa,
Para que me usurpaes com a impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?
.....

Pobre poeta! infeliz escriptor! Volvidos duzentos annos depois do teu nascimento, a sympathia de dois povos reivindica-te para o logar que deves occupar entre os mais nobres dos seus filhos — pelo soffrimento e pelo talento.

MENDES DOS REMEDIOS.

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

VIDA DO GRANDE
D. QUIXOTE
DE LA MANCHA,

E DO GORDO

SANCHO PANÇA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Outubro de 1733.

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

SCENAS DA PRIMEIRA PARTE.

I. Sala de pannos de raz, bofetes, e cadeiras.
II. A casa de Sancho Pança mal composta.
III. Bastidores de bosque.
IV. Bastidores de selva.
V. Bastidores de selva.
VI. Bosque, e no meio um monte.
VII. Sala de columnas, e depois jardim funebre.
VIII. Selva.
IX. Selva, e o monte Parnaso.

SCENAS DA SEGUNDA PARTE.

I. Ametade selva, e a outra ametade mar, e um moinho no fim.
II. Montes, e selvas.
III. Sala de columnatas, mesa, e cadeiras.
IV. Sala de azulejos.
V. Outra sala, e mesa mal composta.
VI. Casas.
VII. Jardim alegre.
VIII. Bosque.

Ayuntamiento de Madrid

APPARATO DO THEATRO, E SUA FABRICA.

Um carro com varias figuras dentro.
Uma capoeira sobre um carro, em que irá um leão, que sahe fóra a seu tempo.
Um carro, em que vem Dulcinéa, e varias figuras.
Dous cavallos, um de D. Quixote, e outro de Sansão Carrasco.
Dous burros, um para Sancho Pança, e outro para uma Saloia.
O monte Parnaso com as Musas, Apollo, e o cavallo Pegaso.
Um barco.
Um cavallo, que vem pelo ar, e se lhe põe fogo.
Uma nuvem.
Um porco.

Ayuntamiento de Madrid

INTERLOCUTORES.

D. Quixote.
Sancho Pança.
A Sobrinha de D. Quixote.
A Ama do mesmo.
Teresa Pança, mulher de Sancho Pança.
Uma filha do mesmo.
Um Tabellião vestido como almocreve.
Uma Saloia em um burro.
Sansão Carrasco.
Seu Criado.
Um Diabo, que vem no carro.
Outro Diabo com muitos cascaveis.
Um homem, que vem com o Leão.
Belerma.
Montesinos.
Um, que está na cova.
Caliope, que vem na nuvem.
Apollo, e as Musas.
Dous homens, que são do moinho.
Dous homens do barco.
Um Fidalgo.
Uma Fidalga.
Um Meirinho.
Um Escrivão.
Dous homens, que tocam rebecas.
Um homem, que toca rebecão.
Um Medico.
Um Cirurgião.
Um Taverneiro.
Uma mulher moça com manto.
Uma mulher velha, em corpo, sem manto.
Um Escudeiro.
A Condessa das Barbas.
Dous rebuçados.
Dous homens para a audiencia.

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

PARTE PRIMEIRA

Depois de se tocar a sinfonia canta o

CÔRO

Todas as vozes juntas
Se ouçam resonar,
E ao nosso festejar
Ecco responda.
E a tão sonoro accento
Pasme a terra, e o vento;
Que é bem que a terra, e o ar
Já corresponda.

SCENA I

Descobre-se uma sala composta com bofetes, e cadeiras, e estará assentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e um Barbeiro fazendo-lhe a barba.

D. Quixote.—Senhor Mestre Barbeiro, veja vossa mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas, que tem toda a Hespanha; e póde gabar-se, que nem quantos gigantes tem o mundo se atreverão a olhar para ellas, nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba teza.

Barbeiro.—Ella assim o mostra, pois de tão teza, que é, dobra o fio á navalha.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Ora sô Mestre, vossê bem sabe, que é obrigação dos de seu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades, que ha pela cidade. Que se falla dos principes da Italia, e do governo politico do orbe? Que como estive doente, e tantos tempos de cama por causa das minhas cavallarias andantes, não tenho sabido nada.

Barbeiro.—Senhor D. Quixote, novidades não faltam. Dizem, que o turco vem com uma poderosa armada assolando os mares; e os principes todos procuram fazer-lhe guerra offensiva, e defensiva, para o que já em Biscaia se prepara uma grossa armada.

D. Quixote.—Para que se cansam com tantas maquinas? Eu lhes dera um bom arbitrio, com que em menos de uma hora vençam quantas armadas, e armadilhas o turco tiver.

Barbeiro.—Diga vossa mercê qual é?

D. Quixote.—Não quero; porque não faltarão mexiriqueiros, que lh'o vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

Barbeiro.—Diga vossa mercê, que lhe prometto á fé de barbeiro, que aqui fique sepultado sete varas debaixo do chão, como pedra de raio.

D. Quixote.—Debaixo dessa fé, que é mui boa, o direi. Mandem esses principes buscar alguns cavalleiros andantes, que não faltam na nossa Hespanha, que só um delles bastará, para destruir com sua espada, e sua lança mil armadas.

Ama.—Triste de mim, senhora! Seu tio está outra vez doudo; ainda crê, que ha no mundo cavalleiros andantes!

Sobrinha *(áparte)*—A mim me mellem, se por aqui não anda Sancho Pança, que é o que lhe mete estas loucuras na cabeça.

Ama *(áparte)*—Vamos ter com Sansão Carrasco, a ver se lhe póde tirar da cabeça estas asneiras, que é homem de manha.

Ayuntamiento de Madrid

Sobrinha.—Vamos. *(Vão-se).*

Barbeiro.—Como é possivel, senhor D. Quixote de la Mancha, que um cavalleiro andante possa destruir um navio, quanto mais uma armada?

D. Quixote.—Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas, e não se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos cavalleiros andantes. Se vossê lêra as antigas historias de Palmeirim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula, e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então, o que val um cavalleiro andante: bem sei de um, que só com um suspiro é capaz de affundir uma armada, e cem galeões.

Barbeiro.—Quem será esse tal? Tomara-o conhecer.

D. Quixote.—Sou eu; eu D. Quixote de la Mancha, por outro nome o cavalleiro da triste figura: Eu torno a dizer; eu só com a minha espada, e a minha lança, e o meu broquel, me atrevo a engolir o grão turco, como quem engole uma cereja de saco.

Barbeiro.—Quando eu cuidava, que vossa mercê estava de todo são desta loucura, ainda o vejo tão enfermo della! Ora, senhor, deixe essa teima; quem lhe meteu em cabeça, que havia no mundo cavalleiros andantes? E quando isso assim fôra, vossa mercê por ventura tinha barbas para o ser?

D. Quixote.—Oh grandissimo magano, por vida de minha senhora Dulcinéa del Toboso, que vos farei em pó, e em cinza. Assim perdeis o respeito a um cavalleiro andante? *(Atira D. Quixote com o Barbeiro no chão, e sahirá Sansão Carrasco).*

Carrasco.—Que é isto, senhor D. Quixote? Que obrigou a sua grande modestia a sahir em tanta desesperação?

D. Quixote.—Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser senão este Barbeirinho, que nega haver cavalleiros andantes no mundo, e que seja eu um delles?

Ayuntamiento de Madrid
AYUNTAMIENTO DE MADRID biblioteca Municipal

Carrasco.—Ah sô Mestre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

Barbeiro.—Não sei donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *(Vai-se).*

Carrasco *(áparte)*—Este miseravel está louco confirmado; querer persuadi-lo é excita-lo mais! Eu quero ir com o que elle disser, que elle tomará o desengano á sua custa.

D. Quixote.—Meu amigo, eu estou resoluto a sahir segunda vez ao feliz progresso de minhas andantes cavallarias; ainda que da passada vim muito moido, com tudo, desmaiar nos trabalhos, não é para corações briosos: queira Deos, que estes Malandrines, ou encantadores me não persigam com seus encantos, que invejosos do meu valor, querem escurecer com magicas apparentes as minhas claras, e rocinantes cavallarias.

Carrasco.—Deixa-me beijar-te os pés, oh flor dos cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de nossas eras! Sahe, sahe, não só segunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas a dar alma ao esquecido cadaver da cavallaria andante para gloria do mundo, e timbre de tua patria Mancha.

D. Quixote.—Dizei-me por vida vossa, que dizem de mim por essa terra?

Carrasco.—Que hão de dizer? Que vossa mercê é um louco, mas valente, e que ás vezes passa a ser temerario, emprendendo impossiveis: finalmente todos dizem, que a senhora Dulcinéa del Toboso, minha senhora, é cousa fingida, e fantastica, e que tal mulher não ha no mundo.

D. Quixote.—Dizem bem, que o mundo não é capaz de sustentar aquelle globo esferico da formosura; e assim o ar é a patria daquella estrella de Venus.

(Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e sahem).

Ayuntamiento de Madrid

Ama, e Sobrinha.—Não has de entrar Sancho de Barrabás.

Sancho.—Eu por ventura dei-lhe a vossês palavra de casamento, para me porem impedimento?

Sobrinha.—Tu és, o que lhe metes na cabeça essas cavallarias andantes.

Sancho.—Máo agouro venha pelo diabo: essa é bonita! Com que eu sou acaso loucura, para me meter na cabeça de meu Amo? Coitado de mim, que eu sou o que pago; pois á conta de suas cavallarias andantes levo muitos couces.

D. Quixote.—Que é isso Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

Sancho.—Que ha de ser? A senhora Ama, e a senhora Sobrinha, que Deos guarde, não me queriam deixar entrar a fallar com vossa mercê, senhor meu amo, dizendo, que eu era a causa de vossa mercê querer ir segunda vez pelo mundo a buscar a ventura. Veja vossa mercê, que maior testemunho, quando eu sou, o que digo a vossa mercê, que se havemos de ir ámanhã, que vamos hoje.

D. Quixote.—Não faças caso de mulheres, que bem parece, que ignoram o genio dos cavalleiros andantes.

Sancho.—Quanto a isso tem ellas mais que razão.

Carrasco.—Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, (o que era escusado) que faça muito por ser homem de bem; acompanhe a seu amo, como bom escudeiro, que se assim o fizer, levará o ceo brincando.

Sancho.—Ah senhor Sansão Carrasco, brincando o não levo eu: sabe Deos o que me custa, e me tem custado aturar as valentias de meu amo, que sempre a elle lhe dão na cabeça, e a mim no fio do lombo; mas diz lá o rifão: *Muito alenta uma esperança.* Pois que tenho de ser governador de uma ilha, que diz meu amo, que me ha de dar, não quero patuscadas, recolho-me a ella como a sagrado.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Sancho, pódes viver descançado, que assim appareça essa ilha, como logo tu has de ser governador della.

Sancho.—Ainda o ella apparecer está em contingencias? Cuidei, que já vossa mercê a tinha certa.

D. Quixote.—Deixa isso por minha conta, que ou ella queira, ou não queira, ella apparecerá, e tu verás como pago os teus serviços.

Sancho.—Os meus serviços com quaesquer trinta réis se pagam; até ahi posso eu; se vossa mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida: e esses meus serviços só na boca de vossa mercê não é bem, que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigação, por onde o possa obrigar, quando me falte.

D. Quixote.—Toma esse papel, que já nelle tinha escrito o mesmo, que te digo de boca.

Sancho.—Ah senhor, que é mui certo andarem juntos papeis com serviços, e oxalá, que depois de eu os ter feito, não m'os quebre alguma preta, que por serem vidrados, são quebradiços; ou algum daquelles encantadores, que perseguem a vossa mercê; porque tambem as desgraças dos amos se pegam como sarampo ao corpo dos escudeiros; pois vejo, que tendo os meus serviços azas, nem por isso voam, ficando sempre na secretaria dos feitos com uma tampa em cima.

D. Quixote.—Sancho Pança, mãos á obra, coração, espirito valeroso, que juro á fé de cavalleiro andante, que desta segunda jornada ha de ver o mundo quem é D. Quixote de la Mancha; que se até aqui foi cavalleiro da triste figura, daqui em diante será o alegrão do universo: anda vai-te a preparar, que ámanhã ao romper da aurora havemos de partir por esse mundo.

Sancho.—Eu dera a vossa mercê um conselho.

D. Quixote.—Qual é? Dize, que ás vezes um louco acerta mais, que um entendido.

Sancho.—Eu dera a vossa mercê de conselho, que não fossemos ao romper da aurora; porque se a rom-

Ayuntamiento de Madrid

pemos, ao outro dia não poderemos madrugar; porque a aurora isso tem, que em se rompendo, é peior, que olanda podre, que se não aproveita uma tira para uma atadura de fontes

D. Quixote.—Deixa disparates, e faze o que te digo.

Sancho.—Pois a Deos, que me vou a armar cavalleiro, (quero dizer burriqueiro; porque eu monto em burro, e não em cavallo) e a despedir-me de minha Teresa Pança, *y lo dicho, dicho. (Vai-se).*

Carrasco *(áparte)*—Pois eu te prometto amo, e mochilla, que eu brevemente armarei uma, que ambos torneis desenganados de vossas cavallarias andantes.

Sobrinha.—Tio da minha alma, veja o desamparo, em que me deixa: lembre-se da minha mocidade, e que se vai o esteio desta casa.

Ama.—Pois fui ama secca de vossa mercê muitos annos, lembre-se deste capello sem borla.

D. Quixote.—Não tem remedio: hei de ir, que não é justo, que fique sem fim minha memoravel historia; e juntamente vou a fazer muitas obras pias; pois quantas donzellas estarão em necessidade, de que um cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra? Quantos pupillos estarão sem justiça? Quantos cavalheiros honrados estarão encantados por falta de andantes cavalleiros? Em fim, não tenho mais, que dizer; vou a castigar insolentes, e a endireitar tortos.

(Cantam D. Quixote, Carrasco, Ama, e Sobrinha a seguinte:)

ARIA

Sobrinha.— Ay meu tio, não se ausente.
D. Quixote.—Calai-vos impertinente.
Ama.— Meu senhor, isso é loucura.
Carrasco.— Ide, ide D. Quixote.
Sobrinha.— Mas que hei de fazer sem tio?
Ama.— Mas que hei de fazer sem amo?
Carrasco.— Deixai ir esse mamote.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Não haja mais choro, ah tal!
Ama.— Um amo, que tanto amo.
Sobrinha.— Ai sobrinha sem ventura!
D. Quixote.—Ora a Deos, ó patria amada.
Carrasco.— D. Quixote, avante, avante.
Sobrinha.— Minha dôr matar-me trata.
Ama.— Minha pena me soffoca.
D. Quixote.—Isto é espada, não é roca.
Carrasco.— Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

SCENA II

Apparece a casa de Sancho ridiculamente composta, e nella estarão Teresa Pança, e sua Filha, e sahe Sancho.

Sancho.—Jesus! Mulher dos meus olhos, estou tão contente, que venho saltando, e quero saltar.

Teresa.—Sancho Pança, achaste alguma mina? Que é isto marido?

Sancho.—Mulher, mina de caroço, desta vez não ha de haver parente pobre: estou tão contente! Ai mulher, dai-me um pucaro de agua, que me desmaio de gosto.

Filha.—Paisinho, ai! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o saber.

Sancho.—Que hei de ter, filha das minhas entranhas? Que hei de ter, mulher desta alma? Não vêdes, que segunda vez determino ir por esse mundo com meu amo o senhor D. Quixote de la Mancha? E vejam vossês se com esta fortuna poderei estar alegre.

Teresa.—Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus sujos braços? Ora deixai-vos ficar.

Filha.—Valha-me Deos! Senhor, ainda vossa mercê se mete com esse D. Quixote? Pois ha de tirar bom pão; assim como da outra vez.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Calai-vos lá porquinha: eu se vou, é para buscar cabedal para casar-te; e sem duvida que desta vez faço um fortunão de meus peccados; pois diz meu amo o senhor D. Quixote, que logo em duas palhetadas me ha de dar uma ilha para governar; e vejam vossês, sendo eu governador de uma ilha, se terei dinheiro como milho, e teremos pão como terra!

Teresa.—Ai marido, se isso é assim, já digo, que vades logo rebolindo, e já lá havieis estar.

Filha.—Diga-me, senhor pai, e que tal é a ilha, de que vossa mercê ha de ser governador?

Sancho.—E' a mais excellente do mundo: é mui grande, tem sete palmos de comprido, e dous de largo: tem muita arvore de espinho: o que me gabam mais é um passeio, que tem de ortigas, que dizem é uma maravilha: sobre tudo tem ao pé dos muros um canteiro de boninas, que cheiram, que tresandam: tem muito lega-cachorro; e é tão sadia, que todos os annos tem um ramo de peste: não, quanto a eu ir bem accommodado, nisso não se falla, tomara-me eu já nessas limpezas, e então, se Deos quizer, casarei a minha Sanchica com um fidalgo. Ouves tu, bem pódes aparelhar esse rabo, que se ha de assentar em coche, ou eu não hei de ser quem sou.

Filha.—Visto isso, eu hei de ter Dom?

Sancho.—Dom, e redom, como um alho: essa seria bonita! Deixaria de ter Dom a filha de um governador! Parece-me, que já estou vendo, e ouvindo as visinhas do nosso lugar, quando tu sahires á rua, dizerem todas pela boca pequena: Lá vai, lá vai a filha do governador Sancho Pança.

Teresa.—E eu, marido, como hei de andar?

Sancho.—Has de andar ás costas de um mariola, por não pôres o teu pé no chão: mas isso não é do caso; vamos ao alforje, que hei de levar para tão longa jornada: primeiramente embrulha-me uma canada de vinho em um guardanapo, dous queijos em uma borra-

Ayuntamiento de Madrid

cha, uma pouca de alcomonia de sabão molle, um par de alfarrobas, etc. Na outra perna do alforje quero, que vá bem acondicionada a minha roupa, a saber, camisa e meia, meia siloura, uma meia sem companheira, um lenço pardo, outro de caneca riscado, dous pescoções de bofetão da India : isto entendo, que sobeja para tão larga jornada, fóra o que levo no corpo.

Teresa.—Olhe vossê, se quizer levar duas gaiolas de grillos, que estão mui bem criados, não será máo, para os comer nas estalagens.

Filha.—Tambem poderá vossa mercê levar duas caixas de chicharos de conserva para almoçar, que são bons para a enxaqueca.

Sancho.—Tudo é bom : quanto mais melhor ; principalmente os chicharos, pois ás vezes temos umas enxaquecas na barriga, e umas caimbras no nariz, que me matam : bom fôra tambem levar umas panelinhas de doce de cocaras ; porém, mulher, como eu vou para tão longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o mundo, bom será, que faça meu testamento ; que ao menos, quando não tenha o fim, que pretendo, não se perde o estar feito.

Teresa.—Parece-me muito bem ; agora vejo, que em tudo sois prudente.

Sancho.—Vós ainda não sabeis, que marido tendes.

Teresa.—Disso me queixo eu, e ainda mal, que tanto o experimento, pois a miseria, com que me tratais, me faz ver as estrellas ao meio dia ; e sendo casada comvosco ha quarenta e dous annos, seis mezes, tres semanas, doze horas, oito minutos, e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheia.

Sancho.—Quando eu fôr governador, tomareis a vossa barrigada. Ide chamar o Tabellião.

Teresa.—Aqui não ha Tabellião ; sómente quem serve de Tabellião, é o almocreve Antonio Fagundes.

Sancho.—Venha quem fôr, que o testamento é pequeno, e qualquer Tabellião basta.

Ayuntamiento de Madrid

Teresa.—Mas elle aqui vem; Deos o trouxe a bom tempo.

Tabellião *(sahe o Tabellião vestido de arrieiro)*—Guarde Deos a vossa mercê, senhor Sancho Pança, como está vossa mercê?

Sancho.—Para servir a vossa mercê.

Tabellião.—Para servir a Nosso Senhor, que lhe dará bom pago; que quer vossa mercê?

Sancho.—Sente-se vossa mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

Tabellião.—Eu aqui me accommodo; estou bem: aos pés de vossa mercê é o meu lugar.

Sancho.—Saberá vossa mercê, que eu quero fazer o meu testamento por escrito, que me dizem, que o nuncuchupativo não é tão bom: sabe vossa mercê fazer testamentos?

Tabellião.—Supposto que eu nunca fizesse testamento, com tudo já fiz um escrito de casamento a uma negra; e quem faz uma cousa, tambem faz outra.

Sancho.—Isso basta, e sobeja: ora sente-se; ahi tem papel sellado, que já me servio em varias necessidades: é bom papel, tudo o que se escreve de uma banda, se póde ler da outra com muita facilidade: ora ponha uma perna sobre a outra, escreva á sua vontade.

Tabellião.—De qualquer sorte estou bem, para servir a vossa mercê.

Sancho.—Para servir a Deos. Olhe, meu amigo, não faça ceremonias, desaperte-se, tire fóra os calções, ponha-se em fralda de camisa, esteja a seu gosto; e em quanto escreve, se quizer tanger bandurra, ahi a tenho muito boa, que me veio de Berberia.

Tabellião.—Vamos ao testamento, que tenho que ir dar de beber ás minhas bestas.

Sancho.—Ora vá lá fazendo a cabeça do testamento, que isso pertence aos tabelliães.

Tabellião.—Está feita.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Vejamos: homem, esta cabeça não presta: vossê não lhe põe cabelleira? Ui senhor, ponha-lha em todo o caso, que este testamento ha de apparecer em publico, e não é bem, que vá uma cabeça sem compostura.

Tabellião.—Ahi lhe ponho a cabelleira, que mais?

Sancho.—Espere, espere, já lhe poz a cabelleira?

Tabellião.—Já, sim senhor.

Sancho.—Valha-me Deos; não sei se lhe puzeramos antes uma carapuça preta, que é cor de quem morre? Veja se lhe póde tirar a cabelleira por vida sua.

Tabellião.—Eu a borro, e lhe ponho a carapuça.

Sancho.—Homem, vossê não póde tirar uma cabelleira a uma pessoa da cabeça, sem a borrar? Ora vá como fôr, eu cá ao depois lhe farei isso: digo primeiramente...

Tabellião.—Mente.

Sancho.—Mente elle, grandissimo magano: a mim me desmente na minha cara?

Tabellião.—Este mente é cá do testamento, que não offende a ninguem.

Sancho.—Isso é outra cousa: declaro por descargo de minha consciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio: declaro mais, que fui casado dezanove vezes todas contra minha vontade. Item, que desta ultima mulher tenho...

Teresa.—Criada de vossa mercê.

Sancho.—Callai-vos lá tolla, não embaraceis o pavio da historia. Tenho tres filhos, cujos nomes me não lembram por ora. Item, que sou senhor, e possuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros sem raiz: os movitos vem a ser, duas bassouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e uma rotula já furada. Item trinta e tres cadeiras, que já deram com o couro á sola. Item mais um bofete de páo, que veio de bordo, tres paineis já em muito bom uso, a saber, um do mundo ás avessas; outro de um navio, que pintou o meu pequeno; e outro que já se não sabe, que pintura

Ayuntamiento de Madrid

tem; porém supponho, que seria boa. Item um espelho de despir sem -aço, um mafamede da India, com seu tapete de Arraiolos, cuberto por cima. Item uma excellente manta de retalhos, que me veio do Japão, e outra, que me ha de vir do Jaquejo. Item uma formosa tea de aranhas, duas colheres de tartaruga bastarba, um bispote, e o mais trém da cosinha. Ora vamos agora aos bens de raiz: declaro, que tenho umas casas na minha vestia. Item um parreiral de uvas de cão no meu telhado. Item dous vasos, um de ensaião, e outro, que teve arruda, que ainda se conhece pelo cheiro. Item mais uma arvore de geração. Passemos agora ao meu gado: em primeiro lugar tenho um burro, que lhe chamam o ruço por alcunha; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro, que me não devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo a minha mulher tudo quanto puder furtar no inventario. Deixo a minha filha Sanchica o meu bom coração, e aos meus dous filhos lhes não deixo nada, porque se o quizerem, que o furtem, como eu fiz. Instituo por meu universal herdeiro forçado a um mouro da galé, a quem peço, que faça pela minha alma o mesmo, que eu fizera pela sua. Tal parte, em lugar do cu de Judas, tantos do mez passado, etc.

Tabellião.—Ora assine-se vossa mercê aqui a traz.

Sancho.—A traz só me assinarei, se fôr penna a sua lingua; dou por assinado, que eu em tal não assino.

Tabellião.—E' preciso, que sem isso não vale nada o testamento.

Sancho.—E que tem ninguem, que elle valha, ou não valha? Olhem, que está galante! De quem é o testamento? Não é meu? Pois posso fazer delle o que quizer. Mulher, guardai bem este papel, vêde, que não o percais, que póde servir para méchas: ora a Deos, mulher, dai-me um abraço.

Teresa.—Ai marido, lembrai-vos da vossa casa; não andeis de noite; não me deis mais penas.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—O' filha, não tenho, que encommendar-te a tua honra, que é o melhor camafeu, que tens. Se alguem, quando estiveres na janella, te fizer um bicho, corresponde-lhe com outro, que a cortezia nunca se perde. Ouves, nunca dês o fim a tudo, o que te pedirem; porque desta sorte serás bem reputada.

Teresa.—Pois já que te ausentas, ó meu amado Sancho, despeçamo-nos cantando.

Sancho.—Ora vá, que eu começo.

(Cantam Sancho, e a mulher a seguinte:)

ARIA A DUO

Sancho.—A Deos, Teresa amada.
Tereza.—Não posso dar um passo.
Sancho.—A Deos, que não é nada.
Teresa.—Oh triste desgraçada!
Sancho.—Dá cá, dá cá um abraço.
Teresa.—Ai, que eu quero desmaiar.
Mas ai de mim, que vejo
Sancho.—Amado caranguejo.
Teresa.—Teu vil rigor não chora?
Sancho.—Chora tu, bella aurora,
Que eu nunca em despedidas quiz chorar.

SCENA III

Mutação de bosque. Apparece D. Quixote a cavallo com lança, e Sancho em um burro.

D. Quixote.—Ainda não creio, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em rocinante, para proseguir minhas aventuras.

Sancho.—Digo-lhe a vossa mercê, senhor meu amo, que tenho o rabo nesta albarda, e me parece, que o tenho na palha da estrebaria: oxalá, que tenhamos melhor ventura, que da vez passada!

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Para que tenhamos bom successo nesta empreza, e por cumprir com as leis da cavallaria andante, e com os dictames do meu amor, quero, Sancho, que vás ao castello, em que vive aquella sem egual Dulcinéa de Toboso, minha muito senhora, e que lhe digas da minha parte, que já me acho em campo razo, para batalhar com quantos gigantes tem o mundo por seu respeito ; e que tudo servirá de despojo, para collocar no templo de sua formosura.

Sancho.—Senhor, que Dulcinéa é esta ? Aonde mora ? Que tal mulher entendo não ha no mundo : logo como quer vossa mercê, que eu a busque, se ella não é cousa viva ?

D. Quixote.—Vai, não repliques, senão com esta lança te abrirei essa barriga : vai, que eu te espero aqui debaixo deste tronco.

Sancho.—Ora o caso está galante, por vida minha ! Donde hei de achar a tal Dulcinéa dos demonios ? A' força quer D. Quixote, que haja tal mulher no mundo ! Mas de quem me queixo, se eu tenho a culpa de me meter com um louco de pedras ? Porém lá vem uma Saloia : bom remedio, vou-lhe dizer, que esta é Dulcinéa, pois a elle tudo se lhe mete na cabeça. Ah senhor meu amo ? Venha cá depressa : eis aqui a senhora Dulcinéa, que vem ver a vossa mercê.

D. Quixote.—Sancho, como póde ser esta Dulcinéa, quando ella é uma senhora tão galharda ? Como póde vir em um burro, quando a carroça de Apollo ainda é pequena carruagem para sua soberania ? Não vês uma Saloia feia, e trapalhona ?

Sancho.—Senhor, vossa mercê não se lembra, que os encantadores mudam as fórmas das pessoas, só para que vossa mercê não logre a fortuna de ver a senhora Dulcinéa ?

D. Quixote.—Dizes bem, Sancho amigo ; oh mal hajais malditos encantadores, pois mudais a fórma de Dulcinéa filis, e galharda, em uma Saloia choquenta !

Ayuntamiento de Madrid

Saloia.—Senhores, vossas mercês, que me querem? Larguem-me o freio da burra, deixem-me ir vender as minhas cebollas.

D. Quixote.—Espera, ó luz de meus olhos, recebe, antes que te ausentes, este fino amante no regaço de teus agrados; pois só a ti te dedico os suores frios de meus trabalhos: aqui me tens, ó bella ninfa, pois a teus pés idolatra da tua belleza.

Sancho.—Oh princeza da formosura! Oh duqueza do melindre! Oh archiduqueza dos dengues! Não desprezes um andante cavalleiro, que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos assopros da sua magua. Ponha vossa mercê os olhos naquelle peito, e o verá cheio de cabellos, mais claros cá agua, e outros mais ruivos cá canella.

Saloia.—Estes homens estão doudos; vão-se c'os diabos: vossês vem zombar de mim? Arre lá, xó! *(Vai-se).*

D. Quixote.—O' animada exhalação, não te desfaças em scintilantes repudios: tanto estes encantadores me perseguem, que até fazem, com que caias; porém, ó vil canalha, lá virá tempo, em que eu me vingue de vós.

Sancho.—Digo, que vossa mercê tem muito bom gosto, em amar a senhora Dulcinéa. Não vi cousa mais peregrina! Deixou-me atoclo, vendo aquelle brio!

D. Quixote.—Oh afortunado Sancho, que foste tão feliz, que chegaste a ver sem encantos, e transformações aquella deidade humana! Dize-me, é formosa?

Sancho.—De formosa passa ella: se vossa mercê vira aquelles olhos, que pareciam olhos de couve murciana! O nariz, isso era cahir um homem de cu sobre elle; tinha umas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de delicto, pelo que matava a todos; os cabellos não vi eu, só o que eu vi foram dous piolhos de rabo, que lhe sahiam pelos buracos da coifa: o que mais me regalava era ver umas rosquinhas doces, que fazia junto ao pescoço; em fim, senhor, os pés eram dous pés de

Ayuntamiento de Madrid

cantiga. Eu confesso, que se não fôra casado, que a tal senhora Dulcinéa não me escapava.

D. Quixote.—O' Sancho, espera, não vês, que lá vem um castello movediço, com muita gente dentro? Grande dia se nos espera! Deos seja comnosco.

(Sahirá um carro tirado de uma mulla, sobre a qual virá um Diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, um Anjo, um Imperador, e outra figura muito bem vestida).

Sancho.—Ai miseravel Sancho, aonde estás metido! Melhor me fôra estar na minha aldeia, que não vir agora ver estes gigantes engolias.

D. Quixote.—De que temes, cobarde? Olha, não vês estes gigantes vivos? Pois logo os verás mortos: O' vós, quem quer que sejais, dizei-me quem sois, e aonde ides?

Diabo.—Senhor, nós somos uns pobres representantes de comedias, que vimos já vestidos para fazer um Auto Sacramental aqui a uma quinta; eu faço papel de Diabo, este de Anjo, este de Morte, este de Imperador, e os mais fazem varios papeis.

D. Quixote.—Ora sempre as cousas se devem primeiro especular, antes que se façam; se não vos declarais, hoje aqui todos ficarieis mortos, cuidando, que ereis gigantes, ou encantadores.

Sancho.—Boas novas te dê Deos, que eu já estava sem pinga de sangue no corpo.

(Sahe um Diabo com cascaveis, e espanta-se o cavallo de D. Quixote, e cahe no chão, e o Diabo monta no burro de Sancho).

Sancho.—Jesus, nome de Jesus! Lá vai meu amo ao chão! Ah senhor, não caia, espere, que eu já lhe vou acudir.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Ai de mim! Acode-me Sancho, que quebrei o espinhaço.

Sancho.—Ai senhor, que o Diabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ó prenda de minhas nadegas, ó centro de minhas bebas; que será de mim sem os teus sonoros zurros? Senhor, para aqui são as lagrimas: ah senhor, que o Diabo levou o meu burro.

D. Quixote.—Que Diabo?

Sancho.—O Diabo das bexigas: Jesus sagrado! Ah sô Diabo, largue o meu burro, por vida de Ferrabrás.

D. Quixote.—Por vida de Dulcinéa, que os do carro me hão de pagar: esperai, turba alegre, e folgazona, que eu vos ensinarei o como se tratam os burros dos escudeiros dos cavalleiros andantes.

(Sahe o burro).

Sancho.—Senhor: não pelejemos, que o burro já ahi está; escusemos tantas mortes.

D. Quixote.—Bem está: a prudencia ás vezes é melhor, que o valor; ide-vos em paz.

Sancho.—Ouvis lá? Bom padrinho tivestes no meu burro, que se não apparece, tudo vai á espada.

SCENA IV

Mutação de selva, e a um lado estará um cavalleiro reclinado, e um moço, e sahirá D. Quixote, e Sancho Pança.

D. Quixote.—Sancho, ata este cavallo a esse tronco, que já o sol se escondeu no vestuario de Thetys, depois de fazer primeiro galã dos astros na comedia do dia.

Sancho.—Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vazia, e não estou para ouvir conceitos: olhe vossa mercê, senhor, alli estão dous homens reclinados sobre a relva,

Ayuntamiento de Madrid

e dous cavallos atados naquelle salgueiro, que fazem quatro.

D. Quixote.—Algum cavalleiro andante deve ser, que anda buscando aventuras.

(Canta o cavalleiro o seguinte :)

MINUETE

Sem ter melhora,
Meu peito ardente,
A chamma sente
Do Deos rapaz.
Que amor parece,
Ninguem duvida;
Porque a ferida
Bem clara está.
Suspende a frécha,
Deos fementido,
Ouve o gemido,
Que o pranto faz.

Sancho.—Elle canta com bom estylo, e á moda.

D. Quixote.—Segundo a letra, e o affecto, mostra estar namorado. Valha-te Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cera! Senhor cavalleiro, como a sociedade nos homens é significativo do racional, por isso não estranhe vossa mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras clausulas do seu sentimento; porém como as penas communicadas são menos sensiveis, diga-me vossa mercê o que sente, que se o alivio de suas maguas consistir na ponta desta lança, e fio desta espada, tenha por certo, que o hei de fazer.

Carrasco.—Honrado cavalleiro, bem parece, que tendes generoso animo, e assim vos agradeço essa offerta; mas sabereis, que a mim por ora me não offendem inimigos, senão uma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a cavallaria andante, só por ver, se posso aplacar o seu desdem, offerecendo-lhe a cabeça de um gigante.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Com que vossa mercê é cavalleiro andante? Ora ajunte-se commigo, e fallemos na materia, que como professor della, estimo muito estas praticas.

Criado.—Em quanto nossos amos lá praticam sobre os seus amores, e valentias, vamos dando á taraméla, e fazendo pela vida.

Sancho.—Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortunios; pois mal de muitos consolo é: até aqui cuidava, que só eu era desgraçado, em ser escudeiro de cavalleiro andante; mas já vejo, que vossa mercê nasceu debaixo da minha estrella.

Criado.—Como se chama este seu amo?

Sancho.—D. Quixote de la Mancha para servir a vossa mercê, que nunca tal homem nascera no mundo; pois por elle tenho padecido, o que Deos sabe: basta deixar a minha casa com tudo quanto tinha nella.

Criado.—Tendes filhos?

Sancho.—Boa está essa! Com que destes annos ainda não havia de ter filhos? Tenho uma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no tecto da casa, e é mui valente, e desembaraçada. Quando come, não usa de ceremonias, despeja uma casa com a maior limpeza do mundo; e sobre tudo tem o máo cheiro da bocca, que é mal de que fogem todos. Quero-lhe como aos meus olhos, que fóra da sua vista, os vejo cheios de lagrimas.

Criado.—E os meus estão mui cheios de somno: durmamos?

Sancho.—Durmamos.

Carrasco.—Como lhe vou contando a vossa mercê, a senhora, a quem amo, é uma Calcidéa de Vandalia, nome supposto, com que a appellido nas minhas obras poeticas; esta em fim me disse, que se a quizesse receber por esposa, fosse pelo mundo, e se fizesse confessar, que ella era a mais bella, e formosa dama, que havia no orbe; tenho feito confessa-lo a muitos, e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha, o

Ayuntamiento de Madrid

qual disse, que minha senhora Calcidéa de Vandalia era mais formosa, que a sua Dulcinéa del Toboso: com que, vencendo eu a D. Quixote, que venceu a todos os cavalleiros do mundo, venho a vencer a todos, vencendo a quem a elles os venceu.

D. Quixote.—Sem duvida, senhor cavalleiro, entendo, que estais enganado, por ser impossivel, que vençais a um D. Quixote; e basta, que eu vos diga, que nenhum cavalleiro do mundo o póde vencer; e por vos não desmentir, digo, que algum encantador inimigo de sua gloria tomaria a sua fórma, para que ficando vencido, não se coroasse a fama de seu valor com eterno diadema; e tanto assim, que não ha dous dias, que estes mesmos encantadores transformaram a senhora Dulcinéa del Toboso, sendo a mais gentil deidade, que calçou cothurno, em uma saloia suja, hedionda, e terrivel: com que, senhor, entendei, que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

Carrasco.—Tão verdadeiro, e tão o mesmo, que mais não podia ser.

D. Quixote.—Digo, que tal não ha; pois D. Quixote é este, que vêdes presente; vêde como o podieis vencer. *(Levanta-se).*

Carrasco.—Pois verdadeiro, ou fingido, sempre o venci; tenho dito.

D. Quixote.—Pois cavalleiro, bom remedio: em campo razo, e em singular desafio, veremos qual é mais valente.

Carrasco.—E o que ficar vencido, ficará ao arbitrio do vencedor.

D. Quixote.—Não duvido: Sancho, Sancho, acorda, que já a aurora, rasgando o manto da noite, veste o pólo de rubicundos adornos; Sancho, acorda.

Sancho.—Senhor, senhor; eu vos arrenego canalha: não deixareis dormir a um pobre escudeiro andante?

D. Quixote.—Sancho amigo, acorda, que já o sol te dá de rosto com as suas luzes.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—E que tenho eu com isso? Senhor, vossa mercê cuida, que eu tambem sou doudo, como vossa mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no somno com as pontinhas dos dedos, quando logo m'o fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

D. Quixote.—Vai sellar o rocinante, que temos, que brigar esta manhã com aquelle cavalleiro do bosque; anda, Sancho, vai depressa.

Sancho.—Estou dormindo, que é o mesmo, que estar ninando. Ora salve Deos a vossa mercê: ah senhor, eu devo de ter muita colera na barriga.

D. Quixote.—Porque, Sancho?

Sancho.—Porque me sabe a boca a ferro velho.

D. Quixote.—E' porque logo havemos de brigar com este cavalleiro do bosque, que o desafiei: elle deve de ser pessoa particular, porque traz mascarilha.

Sancho.—Ora senhor, cuide vossa mercê noutra cousa, brigar logo de manhã é asneira.

D. Quixote.—Faze o que te digo, e não me repliques.

(Traz Sancho o cavallo).

D. Quixote.—Cavalleiro, quem quer que sois, já estamos em campo razo; vereis se sou eu o mesmo D. Quixote, a quem vencestes.

Carrasco.—Quem vos venceu transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

Sancho.—Senhor D. Quixote, por vida da senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a subir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

D. Quixote.—Avançai bom cavalleiro.

(Investem os cavalleiros, e cahe Carrasco).

D. Quixote.—Sancho, acode, que vencemos.

Sancho.—Agora sim: corte-lhe vossa mercê logo a cabeça, pelo que *potest sucedere.*

D. Quixote.—Tira-lhe a mascara.

Sancho.—Ah senhor, que elle bolle; suba-me outra vez ao zambujeiro.

Ayuntamiento de Madrid

Carrasco.—Ai de mim! Venceste D. Quixote: negar não posso, que sois o mais valente cavalleiro do universo.

D. Quixote.—Haveis de confessar, que minha senhora Dulcinéa del Toboso é mais formosa, que a vossa Calcidéa de Vandalia, tirando para isso a mascara: mas que vejo! Não sois vós Sansão Carrasco?

(Tira-se-lhe a mascara).

Sancho.—E' boa historia! Veja vossa mercê, se não falla, como o leva o diabo de meio a meio.

Carrasco.—Eu sou vosso amigo Sansão Carrasco, que quiz vir disfarçado, a ver se vos vencia, para que assim tornasseis para casa, sem essa loucura, mas já vejo, que sois verdadeiro cavalleiro andante, e nega-lo não posso.

D. Quixote.—Ide em paz, e dizei a esse barbeiro incredulo, que vos cheguei a vencer; para que fique desenganado, que sou cavalleiro andante.

Sancho.—Ide em paz, e dizei a esse barbeirinho, que quem vence a um Carrasco, é o mesmo, que vencer a morte.

SCENA V

Mutação de selva, e sahirá um homem com um carro, e dentro um leão em uma capoeira.

Homem.—Grande trabalho me tem dado a condução deste leão, pela fragosidade dos caminhos; e queira Deos, que seja bem pago do meu trabalho.

(Sahem D. Quixote, e Sancho).

D. Quixote.—Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não é menos, que uma rara aventura, que nos espera.

Sancho.—Senhor, não ande cuidando nisso; porque tudo quanto vir, lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginação nascem as causas.*

D. Quixote.—O' Sancho, tu sabes filosofia? Quem te ensinou isso?

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Eu mesmo : vossa mercê cuida, que eu sou algum leigarrão ? Sabe vossa mercê, que mais ? Que dentro daquella gaiola vem um formoso leão.

D. Quixote.—Um leão ! O' homem do leão ? Da parte de Deos te requeiro, que soltes esse leão, que quero brigar com elle, para o que já o espero á boca da capoeira. *(Apea-se D. Quixote).*

Sancho *(áparte)*—A Deos, pobre Sancho Pança ! Bem aviados estamos : quer agora tambem brigar com leões !

Homem.—Senhor passageiro, requeiro a vossa mercê, que este leão é africano, feroz, e terrivel, e que vai de presente a um fidalgo, que o manda o grão turco.

D. Quixote.—Que tenho eu com o grão turco, nem com o fidalgo ? De duas uma, ou tu has de soltar o leão, ou te hei de matar ; porque me diz o coração, que nelle vem transformado algum gigante.

Sancho.—O' homem, tem mão ; não soltes esse leão, que é mui Faraó.

Homem.—Pois vossa mercê quer, que o solte ? Veja lá o que diz, ao depois não se queixe.

D. Quixote.—Solta-o, não ouves ?

Sancho.—Tem mão, homem, não o soltes : ah senhor leão, não me faça mal ; lembre-se, que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Vossa mercê não é o leão do Carmo ? Desgraçado Sancho Pança ! Quanto melhor me fôra estar antes enterrado em um carneiro, que na barriga de um leão ! Ah sô leão, vossa mercê vem enganado ; eu não fui o que o desafiei ; alli está meu amo, que o chama, vá para lá ; e já que eu hei de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cysne das Alagoas, e talvez que este leão seja amigo das arias. *(Canta Sancho a seguinte :)*

ARIA

Ai, que estou tremendo !
Ai, que já me agarra !
Oh como estende a garra !
Ai, ai ! Tomara-me esconder.

Ayuntamiento de Madrid

Vai-te monstro horrendo,
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz tremer.

(Acomette o leão a D. Quixote, e este o mata).

D. Quixote.—Bruto rei das montanhas, porque foges de um cavalleiro andante? Vem a acometter-me, e verás o meu valor.

Sancho.—O' cão leão, a elle: espere, que eu vou; victor D. Quixote.

D. Quixote.—Daqui em diante não quero, que me chamem o cavalleiro da triste figura, senão o cavalleiro dos leões em memoria deste caso.

Homem.—Não vi mais valente homem no mundo! Vou pasmado.

SCENA VI

Mutação de bosque, e no meio haverá um monte, e um homem; e pelo monte descerá D. Quixote, e Sancho Pança.

Sancho.—Mui fragosa, e escorregadia é esta terra! Muito tropeça o meu burro!

D. Quixote.—O' vilão, dizei-me, que fazeis ahi, e que monte é este?

Vilão.—Este monte, senhor, é aonde está aquella celebre cova encantada, que chamam a cova de Montesinos.

D. Quixote.—Oh quem tiverá um thesouro, que dera em alviçaras! Vês aqui, Sancho, quando dizem: vem as fortunas, sem ser esperadas: ha quantos annos, que eu andava buscando esta cova, donde está encantado aquelle celebre cavalleiro andante chamado Montesinos? Pois a occasião se nos meteu nas mãos, não

Ayuntamiento de Madrid

tenho mais remedio, que descer por ella, a desencantar este bom cavalleiro.

Sancho.—Tire vossa mercê dahi o sentido; só esta me faltava para soffrer! Que tenho eu com Montesinos, nem elle comigo? Vá vossa mercê c'os diabos se quizer, que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o leão *(áparte)*.

D. Quixote.—Anda Sancho, que se agora não achamos a ilha para seres governador, nunca a acharemos: vem, que serás bem premiado; pois aqui nesta cova ha muito ouro, e isto são minas encantadas.

Sancho.—Uma vez que são minas, eu vou; que mais vale uma hora rico, que toda a vida pobre.

D. Quixote.—Amigo, ficae guardando estes animaes, e vêde se tendes ahi algumas cordas, com que nos ateis pelas cinturas, para que não caiamos, e demos lá no profundo.

Vilão.—Aqui estão, pois eu sou o guarda desta cova, e já estou apparelhado para este ministerio.

D. Quixote.—Pois ata-nos bem; quando disser, larga mais a corda, vai largando.

Sancho.—Tanto que tiveres deitado quatro palmos, puxa logo para fóra.

D. Quixote.—Sancho, faze um acto de contrição, e fecha os olhos.

Sancho.—Ora graças a Deos, que vou a enterrar em vida: bem fiz eu em fazer o meu testamento. Ai senhor, que ahi vem uma legião de gigantes! Misericordia meu Deos! Xó diabo. A que del-Rei, que estou com as gralhas na alma.

D. Quixote.—De que te assustas? São uns passarinhos, que vem a applaudir a nossa entrada.

Sancho.—São passarinhos! Oh quem me dera ter aqui a minha espingarda.

D. Quixote.—Amada Dulcinéa, a ti me encomendo neste perigoso trance; ajudai-me a levar com paciencia estes rigores: Sancho, ou morrer, ou viver.

Sancho.—Essa razão me encova.

Ayuntamiento de Madrid

SCENA VII

Mutação de columnata, que depois se mudará em jardim de figuras tristes; e sahirá Montesinos com barbas grandes, sotaina, e gorra; e virão descendo D. Quixote, e Sancho.

Sancho.—Ah senhor, é um regalo voar um homem, como se fôra pardal!

D. Quixote.—Graças a Deos, que chegamos! Vês Sancho, que admiravel palacio? Vês estas columnas doricas, e corinthias? Olha estes jaspes: Que te parece?

Sancho.—Parece-me, que tudo isto é pintado em taboa de pinho; mas ainda assim, eu quizera antes andar voando, que me regala.

(Ha dentro terremoto, e escurece tudo, ouvindo-se muitos ais, lamentos, raios, e trovões).

Sancho.—E que diz vossa mercê agora destas columnas, e destes jaspes corinthios? Senhor, nós estamos no inferno a bom livrar: os cabellos se me arrepiam: Ai senhor, não sei que suor frio me vai dando! Eu me mijo por mim.

D. Quixote.—Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de um cavalleiro andante: dize-me, ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda, ou grifa, dizer, que algum cavalleiro, o mais intrepido, fizesse acção tão sobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valeroso campião me arrojei a esta cova?

Sancho.—Isso mesmo faz qualquer defunto.

D. Quixote.—Viste como depois de encovado, penetrei as duras entranhas dessa penha, abrindo caminho

Ayuntamiento de Madrid

com a espada na mão, derrubando montes, ou para melhor dizer gigantes amontoados, até que chegámos a este abysmo?

Sancho.—Meu amo é um abysmo *(áparte)*. Mas diga-me, senhor, aonde estamos nós?

D. Quixote.—Estamos no inferno.

Sancho.—Em Purgatorio está quem lida com vossa mercê: é boa graça! Com que parece-lhe a vossa mercê, que isto é inferno? Ora o certo é, que está pouco visto em materias de inferno.

D. Quixote.—De que te espantas animal?

Sancho.—Porque sou animal, por isso me espanto. Ora venha cá: quem se não ha de espantar de ouvir dizer a vossa mercê, que está no inferno assim a chucha callada, e eu tambem, sem me doer pé, nem mão, graças a Deos?

D. Quixote.—Sancho, eu não tenho culpa, que sejas um simples escudeiro, sem noticias, nem literatura; se tu leras a Virgilio no sexto livro das Eneidas, lá verias, que tambem Eneas foi ao inferno, e lá viu a seu pai Anchises, e a rainha Dido.

Sancho.—Essa rainha Dedo era macho, ou femea?

D. Quixote.—Não se sabe de certo; o que se diz é, que era mulher varonil.

Sancho.—Visto isso era machafemea; com que senhor, uma vez que Eneas foi ao inferno, vá vossa mercê tambem; mas não consta, que Eneas tivesse escudeiro, como vossa mercê tem.

D. Quixote.—Ora Sancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do desencanto do senhor Montesinos, que para esse fim fui aqui trazido. *(Canta D. Quixote a seguinte:)*

ARIA

O' Magia barbara
De furia indomita,
Humilha timida
O fero encanto
Do teu furor.

Ayuntamiento de Madrid

Que o braço rigido
Com furia rispida
Vence colerico
A ira ingente
De teu rigor.

(Torna a haver terremoto).

Sancho.—Ai senhor! Que diabo de ilha, ou de cova é esta? Eu nella não quero enterrar-me: vamos senhor.

D. Quixote.—Sombras vãs, encantadores malevolos, apesar de vossos encantos hei de ver a Montesinos. O' Montesinos? Montesinos?

Montesinos *(sahe Montesinos)*—Sejas mil vezes bem vindo, ó sempre valeroso D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e escuma dos cavalleiros andantes; só tu tiveste valor para me desencantares, resuscitando a antiga andante cavallaria: chega a meus braços.

D. Quixote.—Valeroso Montesinos, não tens que me agradecer esta acção; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que assim m'o insinuam as leis da cavallaria.

Montesinos.—Chega a meus braços, tu celebre escudeiro Sancho Pança; pois tambem participas um esgalho deste laurel.

Sancho.—Sou criado de vossa mercê: eu já estou desmamado, graças a Deos; eu não quero, que vossa mercê me desmame; assim sou eu asno, que me chegue áquellas barbas! Peça de baeta animada, e escova vivente me parece o tal Montesinos *(áparte)*.

Montesinos.—Já que aqui viestes, illustre D. Quixote, a desencantar-me, peço-vos, que desencanteis tambem a senhora Belerma, que foi dama do valente cavalleiro Durorante, que por causa delle vive aqui encantada.

D. Quixote.—Por mulher, e por ser dama de um tão valente cavalleiro, me toca desencantal-a; aonde está?

Montesinos.—Agora o vereis.

(Mudam-se os bastidores, e apparece um jardim com

Ayuntamiento de Madrid

figuras de pedra, e sahirá Belerma).

Belerma.—Prostrada a vossos pés, valeroso D. Quixote, vos rendo as graças de tão generoso capricho: escutai com melhor accento o meu agradecimento. *(Canta Belerma o seguinte:)*

MINUETE

Belerma misera
Suspira, e sente
A morte dura
De seu valente,
Galhardo amor.
Agora em canticos
Louvar procura
O braço ingente
De um glorioso,
Feliz, ditoso, libertador.

D. Quixote.—Formosa Belerma, enxugai esses aljofares; não tomeis o officio da aurora, sendo vós um sol.

Sancho.—Ah senhora Belermina, dê-me vossa mercê esses aljofares para levar á minha Teresa Pança: não os deite fóra.

(Torna a cantar Belerma).

MINUETE

Quixote inclito,
Em cujo peito
Cupido, e Marte
Fazem perfeito
Laço de amor.
Teu braço bellico,
Porque se exalte
Já com effeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto,
Que amor causou.

D. Quixote.—Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Senhor, *palavras, y plumas el viento las lleva.* Vamo-nos, que não sei o que me adevinha o coração.

(Na ultima clausula muda-se a apparencia, e ha terremoto, e levam pelos ares a D. Quixote, e Sancho).

D. Quixote.—Belerma, Montesinos, vede, que os encantadores me levam para vos não desencantar; bem vistes a minha vontade.

Sancho.—Ai que rica cousa! Agora sim, voemos senhor até cahir de uma bala.

(Apparece o monte em cima).

D. Quixote.—Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraste da maior suavidade, e consonancia, que se póde imaginar! Por tua culpa não desencantei a Montesinos, e Belerma.

Sancho.—Por tua culpa, bebado, não desencantei as minas, e a ilha encantada: ai que estou mui cansado de voar! Diga-me, senhor, aonde está a mina, que achamos? Tudo foram vôos, por isso agora tudo são penas! Diga-me vossa mercê, que me meta eu noutra cova! Para aqui.

D. Quixote.—Sancho, bem viste, que da minha parte fiz o que devia, pois destemido, e valeroso, cheguei a penetrar as entranhas desse abysmo; com que, se nesta occasião não consegui o que desejava, em outra o conseguirei, e tu alcançarás essa tão desejada, e alta ilha.

Sancho.—Antes creio, que nunca a alcançarei.

D. Quixote.—Porque?

Sancho.—Porque como sou curto dos nós, não poderei alcançal-a pela altura dos gráos.

D. Quixote.—Ora anda commigo, não te agastes, que sem duvida serás premiado.

Ayuntamiento de Madrid

SCENA VIII

Mutação de selva.

D. Quixote.—Ha dias, que trago no pensamento uma cousa, que me tem causado grande cuidado: dar-se-ha caso, que os meus inimigos encantadores tragam transformada a belleza da senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para isso, é ver a paciencia, com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem salario algum; e ver que já mais foi possivel ver eu a Dulcinéa no seu original, e nativo resplandor. Tudo póde ser que seja; pois se lê nos antigos livros da cavallaria andante outras transformações de Nynfas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança; e porque este pensamento não é fóra de conta, bom será averigual-o, que a diligencia é mãe da boa ventura.

Sancho *(sahe Sancho)*—Senhor, o rocinante está esperando, que vossa mercê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pulos, e ventuosidades, que supponho nos prognostica alguma ventura.

D. Quixote.—E se bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa; porque sem duvida Sancho ás vezes o vejo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado, está Dulcinéa transformada nelle.

Sancho.—Meu amo está no espaço imaginario! *(áparte)*. Ah senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está sellado, e o burro albardado: Senhor, vossa mercê ouve?

D. Quixote.—Sim ouço; que seja possivel, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcinéa del Toboso, que os magicos antagonistas de meu valor se transformassem em Sancho Pança!

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Ainda esta me faltava para ouvir, e que aturar! *(áparte)*. Que diz, senhor? Está louco? Com quem falla vossa mercê?

D. Quixote.—Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

Sancho.—Se vossa mercê algum dia tivesse juizo, dissera, que o tinha perdido: que Sancho fingido, ou que Dulcinéa transformada é esta?

D. Quixote.—Não sei como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa? Vá como quer que fôr: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e sordida pessoa a sem igual Dulcinéa; vê tu Sancho amigo, se ha maior desaforo, se ha maior insolencia destes feiticeiros, que emmascarar o semblante puro, e rubicundo de Dulcinéa, com a mascara horrenda de tua torpe cara?

Sancho.—Diga-me, senhor, por onde sabe vossa mercê, que a senhora Dulcinéa está transformada em mim?

D. Quixote.—Isso é o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe, que nós os cavalleiros andantes temos cá um tal instincto, que nos é permittido conhecer aonde está o engano e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fisionomia do rosto.

Sancho.—Basta que conheceu vossa mercê pela *simonetria* do rosto! Pois, senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui não cuidei, que vossa mercê era tão louco! Cuido, que nem na vida de vossa mercê se conta semelhante desaventura.

D. Quixote.—Quanto mais te desconjuras, mais te inculcas, que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os atomos animados desses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dulcissima Dulcinéa? *(Chega-se D. Quixote para abraçar a Sancho).*

Sancho.—Aqui del-Rey, senhor, que não sou Dulcinéa; tire-se lá, olhe que lhe dou uma canellada.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Ora meu Sancho, dize-me aqui em segredo se és Dulcinéa, que eu te prometto um premio?

Sancho.—Como, senhor, lh'o hei de dizer? Sou tão macho como vossa mercê.

D. Quixote.—Sancho, nesse mesmo dengue agora confirmo mais, que és Dulcinéa.

Sancho.—Ora leve o diabo o dengue! Que queira vossa mercê, que á força seja eu Dulcinéa ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer, que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. Quixote.—Tu me queres dar couces? Agora vejo, que não és Dulcinéa; pois Dulcinéa tão formosa, e tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grossaria.

(Dentro instrumentos).

D. Quixote.—Não ouves, Sancho, uma suave harmonia?

Sancho.—E' verdade! Espere vossa mercê, que lá vem voando o que quer que é.

(Desce a Musa Caliope em uma nuvem, e D. Quixote, e Sancho se lhe põem de joelhos).

D. Quixote.—Soberana Nynfa.

Sancho.—Nynfa soberana.

D. Quixote.—Iris deste horizonte.

Sancho.—Arco da velha deste horizonte.

D. Quixote.—Que rasgando diafanos vapores.

Sancho.—Que rasgando nuvens de papelão.

D. Quixote.—Te ostentas Deidade.

Sancho.—Te ostentas já de idade.

D. Quixote.—Que queres de um cavalleiro andante?

Sancho.—Que queres de um escudeiro tolhido de pés, e mãos?

Caliope.—Valente D. Quixote de la Mancha, cavalleiro dos leões, eu sou a Musa Caliope, a primeira, e principal

Ayuntamiento de Madrid

das nove, que assistem no monte Parnaso: aqui venho a teus pés enviada por meu amo o senhor Apollo, o qual como sabe, que tens professado a estreita religião da cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de uns poetas maledicos, que o querem despojar do throno; e juntamente para reformares a poesia, que se acha quasi arruinada; para o que eu da minha parte, como tão interessada neste desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes; pois é certo, que a musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

Sancho.—Aqui nos encaixa uma aria á queima roupa.

(Canta Caliope a seguinte:)

ARIA

Se um gigante inficionado
Morre infame desmaiado
Entre as mãos de teu valor:
Quem haverá, que te resista,
Quando o teu braço conquista
A um gigante disfarçado
Entre as garras de um leão?

D. Quixote.—A difficuldade está no modo, com que hei de ir ao Parnaso; pois sei, que o meu rocinante não tem azas, como o Pegaso.

Sancho.—E o meu burro só tem azas nos pés para fugir.

Caliope.—O modo com que haveis de ir ao Parnaso, é desta sorte. *(Voam na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaso, e canta o)*

CÔRO

Attenção, silencio,
Que neste de Arcadia famoso jardim,
Se ostenta galhardo o Delfico Apollo
Em musicas gratas, em metros subtís.

Ayuntamiento de Madrid

Attenção, silencio,
As fontes não riam,
As aves não cantem;
Porque não perturbem do verde bicorneo
O cantico grave de Musas gentís.

SCENA IX

Mutação de selva, e o monte Parnaso, e Poetas.

Apollo.—Esperai, bastardos filhos de Apollo, que cedo virá, quem me vingue de vossas injurias.

Poeta.—Já não te reconhecemos, ó Apollo, por Deos da poesia; pois qualquer de nós é um Apollo, e cada idéa nossa uma Musa.

Apollo.—Assim vos atreveis a profanar o decoro, que se deve aos meus Apollineos raios?

(Sahe D. Quixote, Sancho e Calliope).

Poeta.—Toca a investir ao Parnaso.

Apollo.—Em boa hora venhas, valente D. Quixote, que só a tua espada me póde segurar no throno, e o laurel: vem, vem a vingar-me destes poetasinhos, que sem mais armas, que a sua presumpção, querem, não só competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnaso; e como as armas, e as letras são tão fieis companheiras, quero-me valer das tuas armas para a restauração de minha sciencia; e como esta violencia, que se me faz, não desmerece os empregos da tua cavallaria, peço-te, que me soccorras.

D. Quixote.—Senhor Apollo, eu tomo sobre mim o seu desaggravo, e já desde agora se póde assentar bem nesse throno, que delle ninguem o ha de arrancar.

Sancho.—Senhor meu amo, eu cuido, que estou sonhando: Que vossa mercê entre no Parnaso, não é

Ayuntamiento de Madrid

muito, porque é louco; porém eu, que sendo um ignorante, tambem cá esteja, é o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir, que não ha tolo, que não entre hoje no Parnaso.

D. Quixote.—Diga-me, senhor Apollo; e como se chamam os poetas, que tanto o perseguem?

Apollo.—Essa é a desgraça, D. Quixote; que os poetas, que me perseguem, não são de nome; e com tudo cada um cuida, que é mais, do que eu mesmo.

D. Quixote.—Dizei-me, poetas de agua doce; dizei-me, rãs, que grasnais no charco da Cabalina; dizei-me, cysnes contrafeitos, que vos banhais nos lodos da Hippocrene; com que motivo quereis competir com o Deos da poesia?

Poeta.—Porque esse Apollo, como não inspira, não merece o nome de Apollo; e assim queremos tomar-lhe o Parnaso, e repartil-o entre nós.

Sancho.—Senhor, não se meta a brigar com os poetas, que são peiores, que gigantes; veja vossa mercê, que elles trazem um exercito de dez mil romances, quatro mil sonetos, duzentas decimas, oitenta madrigaes, e um esquadrão de satyras volantes em silva, que arranha; veja bem, em que se mete.

D. Quixote.—Nada me assombra; porque eu só com esta espada hei de vencer a quantos poetas ha no mundo: Serra Hespanha, viva Apollo, e morram traidores. *(Ha bulhas, e gritos, entre D. Quixote, Sancho, e Poetas).*

Apollo.—A elles, meu D. Quixote, que a victoria é nossa.

Sancho.—Aqui del-Rey, que estou passado de parte a parte com um soneto em agudos!

D. Quixote.—Já fugiram como mosquitos.

Sancho.—Avança, que com esta gente sou eu gente.

D. Quixote.—Já, glorioso Apollo, pódes cantar a victoria.

Ayuntamiento de Madrid

Apollo.—Cantem as Musas Euterpe, e Terpsichore o meu triunfo.

(Canta a Musa Euterpe a seguinte :)

ARIA

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concento ;
Pois que canta o vencimento
Dessas furias de um traidor.
Se animoso deu a morte,
A quem morte dava a tantos,
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Piton.

(Canta Terpsichore a seguinte :)

ARIA

Pois vence Apollo
O monstro altivo,
Repita Eólo
Já successivo,
Que brilha vivo
Seu resplendor :
E assim as flôres
Lhe dem grinaldas
De varias côres,
Já consagradas
A seu valor.

Apollo.—Vivas mil annos, D. Quixote ; e como sei, que não militas por premio, por essa causa te não premeio ; mas na mesma acção, que obraste, tens o maior premio ; como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

Sancho.—Valeu de muito a minha ajuda na retaguarda : assim em premio de meus serviços peço a V. Paternidade, senhor Apollo, que me conceda um lugar, o primeiro que vagar no Parnaso, para um filho meu, que é mui inclinado á poesia, de sorte, que tem

Ayuntamiento de Madrid

roido quantas unhas ha em minha casa, que todos as tinhamos grandes.

Apollo.—Pois que officio quereis?

Sancho.—Cascavel do Parnaso.

Apollo.—Eu vo-lo dou por tres vidas.

Sancho.—Em tres vidas senhor? Ora não ha prazo, que não chegue! E para melhor agradecimento, e em applauso desta victoria, já que sou poeta, pois estou no Parnaso, quero cantar o triunfo: toquem as senhoras Musas, e o Pegaso faça o compasso. *(Canta Sancho a seguinte:)*

ARIA

Se hoje o meu cantar
Um zurro ha de ser,
Quero começar:
An, an, an, an, an.
E se dos poetas
Gallo posso ser,
Cantarei aqui,
Qui quiri qui,
E logo acolá
Cá cará cá;
Porque canto só
Có coró có:
Mas melhor será,
Tornar a dizer,
O que cantei já:
An, an, an, an.

(Canta o côro, e dá fim a primeira parte).

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

PARTE SEGUNDA

SCENA I

Mutação, ametade de selva, e outra ametade de mar; e junto á praia um barco, e uma azenha; e no dito barco se embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficarão atados o cavallo, e o burro, e a seu tempo sahirão da azenha dous homens com páos nas mãos.

D. Quixote.—Já estamos em terra de Aragão : este é o famoso rio Ebro : na verdade, Sancho, que este paiz é mui deleitavel, e ameno : que te parece Sancho ? Não respondes ? Estás mudo ?

Sancho.—Digo, que não quero responder palavra, e tenho dito ; meta-se lá com a sua vida, e deixe-me.

D. Quixote.—Sem duvida estás arrependido de me servires ?

Sancho.—Como que estou ? Mais me valera a mim ser sombreiro, que é o peior officio, que ha no mundo, do que servir a vossa mercê.

D. Quixote.—Pois tão mal te tem ido commigo ?

Sancho.—Não é nada, vir eu daquella guerra do Parnaso moido, e remoido á conta de vossa mercê, e não achar esta maldita ilha, e só achar um formoso arrocho, que me arrombasse as alcatras ?

D. Quixote.—Tu tens a culpa ; quem te manda seres fraco ? Ora tem paciencia, soffre, que a ilha algum dia

Ayuntamiento de Madrid

apparecerá: mas espera, não vês nas margens do rio um barco atado sem vélas, nem remos?

Sancho.—E por sinal, que é cassilheiro.

D. Quixote.—Sabes onde estamos?

Sancho.—Sei muito bem.

D. Quixote.—Aonde?

Sancho.—Estamos no Theatro do Bairro Alto.

D. Quixote.—Pois sabe, que estamos mettidos na maior empreza do mundo.

Sancho.—Bem aviados estamos: não digo eu, que vossa mercê é doudo confirmado?

D. Quixote.—Sancho, aquelle barco, que vês atado áquelle álamo, não está alli sem grande mysterio.

Sancho.—E' porque vossa mercê de tudo faz mysterio, e sabida a conta não é nada.

D. Quixote.—Alguma pessoa está em grande perigo de honra, ou vida; pois costumam muitas vezes os astros arrebatarem os cavalleiros andantes dentro em alguma nuvem, ou pôr-lhe um barco á vista, para que se embarquem, e indo pelo rio abaixo por si mesmo o barco, lá vai dar, aonde ha o perigo; com que, Sancho, ata os cavallos a esse tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a essa grande necessidade.

Sancho.—Deixe-me vossa mercê fazer primeiro as minhas; que é razão, que acuda primeiro ás minhas necessidades, do que ás alheias.

D. Quixote.—Vamos, Sancho, que aqui a dilação é perigosa.

Sancho.—Deixe-me vossa mercê primeiro ourinar, para irmos na maré do mijo.

D. Quixote.—Deixa, Sancho, as cançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

Sancho.—Senhor, considere vossa mercê o que faz; olhe que andar pelo mar, não é o mesmo, que andar pela terra: tome exemplo na discretissima raposa, que nunca se quiz embarcar; donde ficou impresso na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a*

Ayuntamiento de Madrid

raposa: com que, senhor, montemos, e fujamos deste barco á véla, e a remo.

D. Quixote.—Olha, Sancho, as ilhas não se acham por terra, senão no mar; e talvez que para teu bem esteja aqui este barco, como quem diz: embarca-te Sancho, que has de achar uma ilha.

Sancho.—Com que os barcos tambem fallam?

D. Quixote.—Isso é figura, que tu não alcanças; segue-me, que eu me embarco já.

Sancho.—Senhor, eu já estou resoluto a morrer afogado: vamos com Deos; mas parece mui grande tyrannia deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos annos, a quem devo mais, do que a meu pae, e a minha mãe.

D. Quixote.—Bem pódes estar seguro, que a mesma pessoa, que poz aqui este barco, terá cuidado de nos guardar os animaes, que assim o contam as Historias impressas.

Sancho.—Uma vez que está em letra redonda, sem duvida, que se ha de cumprir á risca: Deos seja commigo.

(Ata Sancho o cavallo, e o burro; embarcam-se, e logo irá o barco pelo rio abaixo, até chegar á azenha, e zurra o burro).

Sancho.—Ah burro do meu coração! Bem te entendo o que queres dizer nesse zurro; mas não te posso ser bom: tem paciencia, que bem sei, que em deixar-te, dei c'os burros na agua.

D. Quixote.—Vê, Sancho, a serenidade, com que anda este barco!

Sancho.—Senhor, eu já estou enjoado: apare lá, que quero vomitar. *(Vomita).*

D. Quixote.—Quando nada, Sancho, estamos junto á linha, e temos andado quatrocentas leguas turquescas, que fazem das nossas novecentas e meia.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Como póde ser isso, se não temos andado duas braças; e tanto que ainda alli se está vendo o meu burro, e o seu rocinante?

D. Quixote.—Cala-te, que tu não entendes da nautica; se tu souberas o que são coluros, trópos, linhas, zodiacos, e balestilhas, tu viras claramente o quanto temos andado.

Sancho.—Ora com termos andado tanto, ainda não encontramos nenhuma ilha para eu governar?

D. Quixote.—Calla-te, que até o fim ninguem se póde chamar desgraçado.

Sancho.—Sim senhor, pela regra geral, que diz, que sempre atraz ha sorvas.

D. Quixote.—Lá se descobre, Sancho, um castello encantado; alli sem duvida está a affligida pessoa, que buscamos: que felicidade!

Sancho.—E' verdade; mas eu cuido, que é a ilha: vamos a ella.

(Chegam ao pé da azenha, e abrindo-se a porta, sahirão uns homens com varas na mão, empurrando o barco).

Homem.—Vocês vem doudos, homens do diabo? Aonde querem meter este barco? Não vem, que isto é uma azenha, donde a agua corre tão furiosa, que despenhará, e despedaçará esse barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

D. Quixote.—Olha os gigantes encantadores: ó canalha, largai a quem tendes prezo nessa torre, senão com esta espada reduzirei a cinza a todos.

Sancho.—Senhor, que nos perdemos sem remedio; o barco com a corrença da agua vai levado para dentro das pedras! Ai! Ai, que se vira!

(Com muita gritaria de todos se vira o barco, e D. Quixote, e Sancho, vem nadando, até chegar á praia, donde estão os cavallos, e

Ayuntamiento de Madrid

o barco dará na praia, e nella fica virado).

Sancho.—Ai, que me afogo, senhor! Briguemos agora com as ondas.

D. Quixote.—De boa escapámos, Sancho; beijar quero a terra, que me livrou da morte.

Sancho.—Senhor, beije-me aqui, tudo é terra: ai, ainda não creio! Diga-me por vida sua, ainda estamos no rio ou já estamos em terra firme?

D. Quixote.—Graças a Dulcinéa, que estamos livres do perigo: oh malevolos encantadores, que me perseguis por mar, e terra, só por não livrar aos miseraveis afflictos!

Sancho.—O que eu sentia não era o morrer: era morrer afogado em agua, podendo morrer afogado em vinho: e tu, burro dos meus olhos, dá-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava, que te não via mais em minha vida. *(Sahem dous homens com páos nas mãos).*

Homem.—Quem fez aquillo no meu barco?

Sancho.—Ninguem fez aquillo, por vida minha, e cheire-o vossa mercê, e verá.

Homem.—Hão de pagar-me o meu barco, senão com este varapáo lh'o tirarei do corpo, maganos vadios.

D. Quixote.—O' canalha rude, ó vil prosapia de Acheronte, assim se falla com os cavalleiros andantes? Tomai.

Sancho.—Ai, que estou varado! Confissão, que me alombaram.

SCENA II

Mutação de montaria de caça, com caçadores; um Fidalgo, e uma Fidalga, etc.

Fidalgo.—Sem duvida, senhora, que estimarei, que neste dia todos os brutos se prostrem rendidos, para que tenhais o divertimento, que pretendeis.

Ayuntamiento de Madrid

Fidalga.—Bem conheço, senhor, que o vosso intento não é outro mais, que o buscares occasiões, com que me divirta da cruel melancolia, que me persegue.

Fidalgo.—Se bem, que escusadas eram armas; pois á vista dessa belleza, quem não cahirá morto? E a terem os brutos noticia da vossa vinda a este monte, elles mesmos buscariam o encontro, para terem a fortuna de serem despojos do vosso braço.

Fidalga.—Senhor, deixemos por ora lisonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis, é nascido mais do vosso capricho, que do meu merecimento; mas se me não engano, lá vejo vir dous cavalleiros.

Fidalgo.—Muito estimo, pois elles nos ajudarão a passar a tarde na caça, para que os convidaremos.

(Sahem D. Quixote, e Sancho a cavallo).

Sancho.—Ora graças a Deos, que estamos entre animaes: diga vossa mercê agora, que isto tambem é encanto; e que aquella mocetona, que alli está, e mais aquelle rufião, que são gigantes.

D. Quixote.—Sancho, eu não sou tão tolo, como me fazes; bem sei o que é caçada, e o que são gigantes; aquella deve ser alguma grande senhora, que anda caçando; é forçoso, que a vamos cumprimentar: pega no estribo, que eu me apeio.

Sancho.—Vá descendo, que eu lhe vou pegar na espóra.

(Ao apear-se D. Quixote, cahe do cavallo, e Sancho tambem ao apear-se fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo, e a Fidalga).

D. Quixote.—Sancho de todos os diabos, escudeiro infernal, acode-me, que fiquei descomposto.

Sancho.—Pois eu fiquei composto, que fiquei cuberto com a albarda do burro.

Ayuntamiento de Madrid

Fidalgo.—Senhores, tenham mão, levantem-se.

Fidalga.—Honrado cavalleiro, dai-me cá a vossa mão; levantai-vos.

D. Quixote.—Diana destes bosques, por caçadora, e por planeta, se a medicina da quéda havia de ser tão soberana, não me arrependo de haver cahido; e mais quando o cahir aos pés de vossa grandeza, é levantar-me ao auge da maior felicidade.

Fidalga.—Sois discreto.

Sancho.—Só eu cahi no que era caça: digo, senhora, que cahir aos pés de vossa magnifica, e excellencial altura, foi, porque cahi do meu burro, com a pressa de ir pegar no estribo a meu amo; mas vejo agora, que se um burro me derruba, uma jumenta me levanta.

Fidalga.—Como vos chamais, honrado cavalleiro.

D. Quixote.—D. Quixote de la Mancha.

Fidalgo.—Que dizeis? Não sabeis o quanto estimo ver-vos; pois ha muito tempo, que a fama do vosso nome tem grangeado a attenção de toda a Hespanha.

Fidalga.—Marido, este é o celebre D. Quixote? Temos muito que rir, e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o cavalleiro da triste figura?

D. Quixote.—Algum dia tive esse appellido, mas agora, depois que matei um leão, me chamo o cavalleiro dos leões.

Fidalga.—E vós não sois Sancho Pança?

Sancho.—Por meus negros peccados: oxalá, que nunca o fôra.

Fidalga.—Sancho, não vos agasteis, que daqui em diante achareis em mim o amor de mãi, e vos quero para meu perrexil.

Sancho.—Para perrexil? Isso não; se vossa altura me quer para alcaparra, com muito boa vontade.

(Haverá muita gritaria, e sahirá um porco, que dá com Sancho no chão, e D. Quixote o mata).

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Espera, cerdoso bruto, que te farei humilhar aos pés desta deidade.

Sancho.—O' minha senhora, diga áquelle javalí, que esteja quieto, e que não entenda commigo. Ai Jesus! *(Cahe)*. Ah senhora? Ah senhor D. Quixote? Ai, que me desmaio!

D. Quixote.—Senhora, já morreu o bruto: sinto não ser um gigante para o pôr aos pés de vossa grandeza.

Fidalga.—Sancho, Sancho, bem pódes tornar em ti, que o javalí já está morto.

Sancho.—Uma vez que está morto, mande-o guizar, que o comerei a bocados.

Fidalga.—Sancho, não cuidei, que ereis tão fraco.

Sancho.—Senhora, isto não é fraqueza, é medo. Tomara, que vossa altura me tirara o quebranto, que não posso acabar commigo ser valente uma vez se quer: digo que o tenho, porque me vejo quebrantado.

Fidalgo.—Senhor D. Quixote, vossa mercê ha de se servir de vir para meu palacio descançar um par de dias.

D. Quixote.—Mercês de senhores não se rejeitam; irei para criado dessa nobre casa.

Fidalga.—Sancho, vós haveis de fazer hoje penitencia comnosco.

Sancho.—Isso não; penitencia faça-a quem quizer, que eu ainda me não acho com a idade precisa: vamos comer alguma cousa.

SCENA III

Mutação de sala, onde estará uma mesa com cadeiras.

Fidalgo.—Senhor D. Quixote, sente-se na cabeceira da mesa.

D. Quixote.—Isso não: vossa grandeza ha de assentar-se, que em tudo tem o primeiro lugar.

Ayuntamiento de Madrid

Fidalgo.—Vossa mercê é que tem o primeiro lugar nesta casa, sente-se.

Sancho.—Ácerca disso contarei uma historia, que succedeu não ha vinte annos. Convidou um fidalgo do meu lugar, mui rico, e principal, porque descendia do Neptuno do Rocio, que casou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Xafariz de Arroyos, homem sobre trancão, e secco, o qual se afogou em pouca agua, por causa de um furto, que lhe fizeram, de que se originou aquella celebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o senhor D. Quixote, que veio ferido em uma unha: não é verdade senhor?

D. Quixote.—Acaba já com essa historia, antes que te faça callar.

Fidalga.—Deixe vossa mercê fallar o Sancho, que gosto muito de ouvil-o, que é mui discreto.

Sancho.—Discretos annos viva vossa altura: como vou contando, vai senão quando... Aonde ia eu, que já me esquece?

Fidalga.—Na pendencia das enxurradas.

Sancho.—Ah sim, lembre-me Deos em bem: este fidalgo, que eu conheço, como as minhas mãos, porque da sua á minha casa não se metia mais, que uma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este fidalgo a um lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pariu.

D. Quixote.—Acaba já com essa historia.

Sancho.—Já vou acabando: chegando o tal lavrador a casa do fidalgo convidador, que Deos tenha a sua alma na gloria, que já morreu, e por sinal dizem, que tivera a morte de um anjo, mas eu não me achei presente, que tinha ido não sei donde.

D. Quixote.—Por minha vida, que acabes, senão te moerei os ossos.

Sancho.—Foi o caso, que estando os dous para sentar-se á mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo, que tomasse a cabeceira da mesa; o fidalgo porfiava tambem, que a tomasse o lavrador, tem daqui, tem dalli,

Ayuntamiento de Madrid

até que enfadado o fidalgo disse ao lavrador : Assentai-vos, vilão ruim, aonde vos digo ; porque onde quer, que eu me assentar, essa é a cabeceira da mesa. Entrei por uma porta, sahi por outra, manda El-Rey, que me contem outra.

D. Quixote.—Tu m'o pagarás Sancho ; por estas : bem te entendi a historia.

Sancho.—Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço saber a vossa altura, que o senhor D. Quixote, meu amo, me tem promettido uma ilha, para eu ser governador della, e até aqui vivo em esperanças ; mande vossa altura, que m'a faça bôa, senão não o quero mais servir.

Fidalga.—Eu vos prometto dar uma ilha ; por tão pouco não vos vades do serviço de vosso amo.

Sancho.—Senhora, se tal ilha alcanço, não se me dá de quantos reinos tem o mundo.

Fidalga.—Fazei um memorial, e nelle vos despacharei.

D. Quixote.—Que importa, que vossa grandeza faça a Sancho a mercê da ilha, para governal-a, se elle nega haver amor ?

Sancho.—E que tem cá o amor com a ilha ?

D. Quixote.—Homem, se não tiveres amor, como has de governar bem aos moradores della ?

Sancho.—Venha a ilha, que eu terei amor aos meus subditos, e lhe farei muito bem a caridade.

D. Quixote.—Isso sim ; mas tu negas, que ha Dulcinéa, e assim negas, que ha amor.

Sancho.—Eu não nego, que ha Deidades, a quem se deve render tributo no templo da formosura ; mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *á parte rei* nego ; e mais de que, para mostrar o que é amor, melhor me explicarei cantando. *(Canta Sancho a seguinte :)*

ARIA

Viram já vossês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,

Ayuntamiento de Madrid

E caçando o pobre rato,
Este guincha, que o não rape;
Dalli diz-lhe a moça *çape,*
E o gato responde *miau,*
E a senhora grita *xó?*
Dessa sorte amor tyranno
Faz das unhas duras fréchas,
Que atrepando da alma ás bréchas
Corações, fressuras, bofes,
Come, engole, e faz em pó.

(Haverá dentro terremoto, e sahirá um Diabo a cavallo em um burro).

Diabo.—Qual de vós é D. Quixote de la Mancha?

D. Quixote.—Sou eu; que me quereis?

Diabo.—Qual é Sancho Pança?

Sancho.—Não sou eu; que me quereis?

Diabo.—Diga sob pena de morte.

Sancho.—E' este criadinho de vossa mercê.

Diabo.—Pois esperai aqui ambos, que vem Merlim tirar do desencanto a senhora Dulcinéa del Toboso. *(Vai-se).*

Sancho.—Eu não vi diabo mais cortez! Este diabo devia ser bem criado, e filho de bons paes, porque trata a Dulcinéa por senhora.

D. Quixote.—Oh quem se vira já na tua vista, amada Dulcinéa!

Fidalga *(áparte)*—A logração vai sahindo boa: mui tolo é o tal D. Quixote, e o criado!

(Sahirá um carro, donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas accezas nas mãos).

D. Quixote.—O' Sancho, tal estou de contente, e alegre, que tenho este dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Senhor meu amo, vossa mercê não vê lá em cima do cocuruto do carro uma cousa como espantalho de figueira?

D. Quixote.—Sim, que será aquillo?

Sancho.—Que será? E' a senhora Dulcinéa del Toboso; não diga nada a ninguem.

D. Quixote.—Ai Sancho amigo, é possivel, que os meus olhos tiveram tal fortuna, que chegaram a ver aquella belissima, formosissima, altissima, e sapientissima Dulcinéa del Toboso, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

Sancho.—Tomara ter dous ovos para frigir em meu amo, que se está derretendo como manteiga.

Dulcinéa.—D. Quixote, athlante do valor, columna do templo de Marte, *non plus ultra* das valentias, braço direito de Aquilles, coração de Pirrho, tu que sabes entresachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, é chegada a occasião de me desencantares, e livrares do poder destes magos encantadores, que por tua causa, e por emulação do teu valor, me tem encantado.

Sancho.—E' lastima! Senhor, acudamos, que a pobre senhora está posta na espinha. Coitadinha! Coitadinha!

Dulcinéa.—Estás mudo? Não me respondes, D. Quixote? Ora já que o teu amor te não move, movam-te as minhas lagrimas, misturadas com o terno de minhas vozes. *(Canta Dulcinéa a seguinte:)*

ARIA

Que importa, que a uma féra
(Ai infeliz!) tu venças,
Se as iras immensas
De um monstro cruel, irado,
Não pódes superar?
Porque o valor galhardo,
Que adorna tanta esféra
E' injuria ao teu ser,
Se a mim, que sou mulher,
Não sabes libertar.

Ayuntamiento de Madrid

D. Quixote.—Senhora, até aqui estive arrebatado á esféra de tua formosura, por cuja causa não te respondi: não quero dizer por palavras o meu offerecimento, e só por obras quero significar o quanto devo fazer por ti, que és o espirito, que me animas no corpo de minha alma: dize o que queres, que eu faça, para livrar-te desse encantamento?

Sancho.—São mãos perdidas; agora sim, que se vossa mercê brigar com trezentos gigantes, digo, que fará muito bem, porque a occasião veio a pedir de bocca, e a senhora Dulcinéa é comesinha.

Dulcinéa.—D. Quixote, já me vai entrando o accidente encantado, que me impede o fallar; pois só tenho licença para isso um quarto de hora; e assim o senhor Merlim te dirá quem ha de ser o instrumento do meu desencanto, o como, e o quando.

D. Quixote.—Oh que dôr! Agora lhe deu o encantado accidente na bocca, para não fallar.

Sancho.—Se foi na bocca o accidente, seria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

Merlim.—D. Quixote valente, esta, que vês, é a tua amada Dulcinéa, que por teu respeito a quero desencantar; mas ha de ser levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

Sancho.—Diga-me, senhor Merlim, que tem o meu cú com o desencanto da senhora Dulcinéa?

Merlim.—Assim o dispõem os astros, e os fados o determinam.

Sancho.—Pois entenda, que ficará encantada para *secula seculorum*, que livre está, que eu me açoute por ninguem.

D. Quixote.—Sancho, coração de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, não te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes, por tua vida, tem lastima daquella flôr, que apenas nasceu no jardim da belleza, logo encontrou desmaios nos encantos.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Aqui del-Rey, digo, que me não quero açoutar; açoute-me vossa mercê, já que é penitente de amor.

D. Quixote.—Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; isso que vem a ser? Não negues uma cousa, que está na tua mão.

Sancho.—Na minha mão nego, no meu cú mais depressa.

Fidalga.—Quem não é para aturar trezentos açoutes, menos aturará o pezo do governo de uma ilha; ide, que sois para pouco, vilão ruim; que fazeis vós em fazer o que vos pede uma dama afflicta?

Sancho.—Senhora, não tem remedio? Se nasci para ser desgraçado, venham esses açoutes c'os diabos: ai desgraçada ilha, que tanto me custa! Ah senhor diabo, haja-se com compaixão commigo, que eu lhe prometto, se me escapo desta, um cú de sorvas com molduras de paparraz. Ai! um, dous, vinte; ai cú de minha alma! *(Leva Sancho os açoutes).*

D. Quixote.—Calla-te Sancho, calla-te, que já lá vai: és fiel companheiro!

Sancho.—Sou um dardo para elle, valha-o não sei que diga. Olhe senhora Dulcinéa, que taes tenho as bebas, para mor de vossa mercê.

Merlim.—Já Dulcinéa está desencantada, graças a Sancho Pança!

Fidalgo.—Para bem vos seja, senhor D. Quixote, o desencanto da senhora Dulcinéa.

D. Quixote.—Será para que vossa grandeza tenha mais uma criada para o servir.

Fidalga.—Ora Sancho Pança, na verdade, que fizestes uma acção, a mais louvavel, que se póde considerar, digna de se estampar em cortiça com letras de alvaiade: logo, logo, vos mando ser governador dessa ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Serviços de esperanças são verdes, entendo, que a ilha será nas Caldas.

D. Quixote.—Sancho, vê que vás a governar; olha que deves ter diante dos olhos a justiça.

Sancho.—Sim senhor, eu logo a mando pintar, e a porei diante dos olhos.

D. Quixote.—Não te corrompas com dadivas.

Sancho.—Eu me salgarei para me não corromper.

D. Quixote.—Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo, como a ti mesmo.

Sancho.—Amen.

SCENA IV

Mutação de sala de azulejos. Sahem varias danças, um Meirinho, um Escrivão, e dizem: Viva o nosso governador Sancho Pança.

Sancho.—Em fim não ha cousa nesta vida, que se não vença com trabalho! E' possivel, que me veja eu feito governador! De verdade parece-me, que estou sonhando! Ora o certo é, que não ha cousa, como ser escudeiro de um cavalleiro andante! Ah sô Meirinho, endireite essa vara, e não m'a troça á justiça; saiba Deos, e todo o mundo, que me quero pôr recto com a sua espada.

Meirinho.—Ora já que vossa mercê fallou em espada, e justiça, diga-me, porque pintaram a Justiça com os olhos tapados, espada na mão, e balança na outra, pois ando com esta duvida, e ninguem m'a póde dissolver, e só vossa mercê m'a ha de explicar, como sabio em tudo?

Sancho.—Que me faça bom proveito: dai-me attenção Meirinho. Sabei primeiramente, que isto de Justiça é cousa pintada, e que tal mulher não ha no mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a senhora Dulcinéa del Toboso, nem mais, nem menos; porém

Ayuntamiento de Madrid

como era necessario haver esta figura no mundo, para meter medo á gente grande, como o papão ás crianças, pintaram uma mulher vestida á tragica, porque toda a justiça acaba em tragedia; taparam-lhe os olhos, porque dizem, que era vesga, e que metia um olho por outro; e como a Justiça havia de sahir direita, para não se lhe enxergar esta falta, lhe cubriram depressa os olhos. A espada na mão significa, que tudo ha de levar a espada, que é o mesmo, que a torto, e a direito. Os doutores, que fallam nesta materia, não declaram se era espada colobrina, loba, ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo, que desta espada a folha era de papel, os terços de infantaria, os cópos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho secco: na outra mão tinha uma balança de dous fundos de melancia, como a dos rapazes: não tem fiel, nem fiador; mas com tudo dá boa conta de si, porque esta moça, se não tem quem a desencaminhe é mui sisuda. Algum dia podia eu ler de ponto nesta materia, porque vos posso dizer, que criei a Justiça a meus peitos; mas as cavallarias do senhor D. Quixote fizeram-me com que fechasse os livros, e desembainhasse as folhas.

Meirinho.—Já entendo o enigma: posso agora mandar vir os feitos para a audiencia?

Sancho.—Oh magano! Feitos na audiencia! Aqui é secreta? Como se chama esta ilha?

Escrivão.—A Ilha dos Lagartos.

Sancho.—Pois quando a crismarem, mudem-lhe o nome, e chama-se a Ilha dos Panças, em memoria da minha barriga. Pergunto mais, a quanto está a canada de vinho?

Meirinho.—A seis vintens.

Sancho.—Logo, logo, com pena de morte, se ponha a 10 réis; não quero, que por falta de vinho deixe de haver bebados na minha ilha: mandai vir as partes para a audiencia.

(Sahe um homem).

Ayuntamiento de Madrid

Homem.—Senhor governador?

Sancho.—Que quereis ao senhor governador?

Homem.—Senhor governador, peço justiça.

Sancho.—Pois de que quereis, que vos faça justiça?

Homem.—Quero justiça.

Sancho.—E' boa teima! Homem do diabo, que justiça quereis? Não sabeis, que ha muitas castas de justiça? Porque ha justiça direita, ha justiça torta, ha justiça vesga, ha justiça cega, e finalmente ha justiça com velidas, e cataratas nos olhos?

Homem.—Senhor, seja qual fôr, eu quero justiça, senhor governador.

Sancho.—Uma vez que quereis justiça: Olá, ide-me justiçar esse homem em tres páos.

Homem.—Tenha mão, senhor governador, que eu não peço justiça contra mim.

Sancho.—Pois contra quem pedis justiça?

Homem.—Peço justiça contra a mesma Justiça.

Sancho.—Pois que vos fez a Justiça?

Homem.—Não me fez justiça.

Sancho.—Até aqui, ao que parece, o vosso requerimento é de justiça: ora andai, dizei de vossa justiça em tres dias.

Homem.—Isso é muito summário.

Escrivão.—Senhor, não saberemos o que pede este homem!

Sancho.—Homem, que é o que pedis?

Homem.—Peço recebimento, e cumprimento de justiça.

Sancho.—E de que comprimento quereis a Justiça?

Homem.—Seja do comprimento que fôr, que eu com tudo me contento.

Sancho.—O' Meirinho, ide á gaveta da minha papeleira de chorão da India, e entre varias bugiarias, que lá tenho, tirai uma Justiça pintada, que lá está, e dai-a a este homem, e que se vá embora.

Homem.—Senhor, eu não quero justiça pintada.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Pois, beberrão, não sabeis, que não ha nesta ilha outra justiça, senão pintada? O' Meirinho, lançai-me este bebado pela porta fóra, que nenhuma justiça tem no que pede.

Homem.—Viu-se maior injustiça! *(Vai-se).*

(Sahe o Meirinho, trazendo preso um homem).

Meirinho.—Senhor, este taverneiro foi agora apanhado neste instante deitando agua em uma pipa de vinho; que se lhe ha de fazer?

Sancho.—Agua em vinho! Ha maior insolencia! O' homem do diabo, e não te cahiu um raio nessa mão? Logo seja enforcado sem appellação, nem aggravo: tenho dito.

Taverneiro.—Senhor, este Meirinho mente.

Sancho.—Isso é outra cousa: uma vez, que o Meirinho mente, ide-vos embora; mas ouvis? Mandai-me um almude desse vinho, que quero ver se tem agua.

Taverneiro.—Viva vossa mercê muitos annos. *(Vai-se).*

(Sahe uma mulher).

Mulher.—Senhor governador, venho queixar-me a vossa mercê de uma insolencia.

Sancho.—Como pede, ide-vos embora.

Mulher.—Se vossa mercê ainda me não ouviu, como já me despacha?

Sancho.—Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?

Mulher.—Senhor, foi o caso: Eu sou uma moça donzella, e solteira: fui peccadora, cahi na tentação do diabo: um magano... já vossa mercê me entende; e agora diz, que não quer casar commigo.

Sancho.—Pois não caseis vós com elle, que esse é o maior despique, que ha nesta vida.

Mulher.—Senhor, eu quero casar, mas elle não apparece; supponho, que fugio.

Sancho.—Olá, metam essa mulher na cadêa com uma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros, até apparecer o homem, com quem ella quer casar.

Ayuntamiento de Madrid

Mulher.—Senhor, isso é contra a Justiça; veja vossa mercê, que eu sou uma mulher, que nunca fui preza.

Sancho.—Por isso mesmo; *andáte!...*

Mulher.—Que isto se permitta no mundo!

Meirinho.—Ainda cá não entrou governador mais recto, nem mais sabio.

Sancho.—E' para ver! Não, commigo ninguem ha de brincar. *(Sahe outro homem gritando).*

Homem.—Aqui del-Rey, que me mataram: não ha justiça nesta ilha?

Sancho.—Que tens homem? De quem te queixas?

Homem.—Senhor governador, eu estou passado de meio a meio; não posso fallar, porque estou morto.

Sancho.—Não podeis fallar, porque estais morto? Olá, tragam a alma deste homem aqui em corpo, e alma, e metam-lh'a á força, para que falle; que não é razão, que fique a Republica offendida na impugnação do delicto.

Homem.—Senhor governador, ouça vossa mercê o caso mais atroz, que tem succedido nesta ilha; prepare os pasmos, tenha prompta a admiração, e desenrole as attenções, para me ouvir.

Sancho.—Olá Meirinho, mandai preparar os pasmos, tende prompta a admiração, e desenrolai as attenções, para se ouvirem neste tribunal as queixas deste Author de seu delicto; que assim como a ninguem se póde negar a vista, como dispõem o *text. in l. Cæcus* §. *Tortus ff. de his, qui metit um olho por outro,* e com muitos o provam Pão Molle no *cap. das Codeas;* tambem da mesma sorte, o ouvido se não deve fechar, para ouvir os queixosos, como dispõem a *l. das doze taboas de Pinho na segunda estancia de Madeira, Cod. de Barrotis.*

Escrivão.—Este homem é um burro de textos.

Sancho.—Homem, dizei a vossa querella, que eu tiro a cera dos ouvidos para vos ouvir.

Ayuntamiento de Madrid

Homem.—Senhor, foi o caso...

Sancho.—Basta; não me conteis mais; basta, que esse foi o caso! Ha maior insolencia! Que assim se perca o respeito á Justiça! Olá, olá.

Homem.—Senhor, escute vossa mercê, que ainda isto não é nada; ouça-me vossa mercê até o fim.

Sancho.—Quem ouviu esse caso, não tem mais, que ouvir, senão logo fazer justiça a torto, e a direito. O' Meirinho, mandai logo levantar uma forca no meu gabinete, para que mais publicamente seja castigado o delinquente.

Meirinho.—Senhor, que delinquente, se vossa mercê ainda não ouviu quem era?

Sancho.—E' tal a vontade, que tenho de fazer justiça, que logo me sóbe a colera uma mão travessa pelo espinhaço acima; de sorte, que se não me advertis, que ainda se não tinha dito, quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós Meirinho, que era a pessoa mais prompta, que aqui tinha mais á mão de semear.

Homem.—Senhor governador, faça vossa mercê de conta.

Sancho.—Tenho feito de conta; que mais?

Homem.—Que indo eu andando, andando, andando.

Sancho.—Ainda não acabastes de andar? Arre lá com tal andar! Sois mui bom para andarilho.

Homem.—Indo pois andando.

Sancho.—Andai homem, isso já está dito; não me façais criar apostemas, que os instantes, que tardo em dar execução á justiça, são eternidades de penas, que me encaixais nas ilhargas.

Homem.—Quando eu, eis que ia andando, manso, e pacifico, sem fazer mal a ninguem, estava um burro atado a uma porta; quiz passar; pedi-lhe licença; não me respondeu: tornei-lhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chão, pespegou-me com duas pelotas de ferro bem na bocca do estomago, de

Ayuntamiento de Madrid

sorte, que me fez deitar a bósta pela bocca. Este é, senhor, o caso; supplico a vossa mercê, que não fique sem castigo este insulto.

Sancho.—Não ficará por certo, e juro á fé de escudeiro andante, e pelas remélas de minha muito desprezada mulher a senhora D. Teresa Pança, que ha de ver o mundo o exemplar castigo de tanta culpa.

Homem.—Ai senhor governador, aqui, aqui bem na bocca do estomago é todo o meu mal.

Sancho.—Vêde lá não seja isso fome? A graça é, que se assim como o estomago tem bocca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizei-me homem: esse jumento, que vos deu os couces, de que tamanho será?

Homem.—Eu não tenho aqui com quem o comparar.

Sancho.—Olhai bem para mim; será da minha estatura?

Homem.—E' o que póde ser.

Sancho.—Bem está; pois vá o Meirinho comvosco, e cheguem-se ao burro de mansinho, e digam-lhe: Prezo da parte do senhor governador, e bem atarracado o tragam aqui perante mim.

(Vão-se o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro).

Meirinho.—Eis aqui o delinquente, prezo, que me custou bem a agarral-o.

Homem.—Senhor governador, este é o aggressor, e este é o que me feriu, ponha-lhe a lei ás costas.

Sancho.—Vejam vossas mercês quem anda perturbando a Republica! Dize burro de Satanás: que mal te fez este homem para o maltratares desta sorte? O diabo do burro não responde, certos são os touros! Elle que se calla, commetteu o delicto, assim como nós aqui estamos. Como te chamas burro? De quem és? Donde moras? Quem é teu pai? Que dizes? A nada o burro se move: deve ser burro velho, pois se cerra á banda, e não quer fallar. O' Meirinho, vós

Ayuntamiento de Madrid

conheceis acaso este burro, que sois mais veterano neste paiz?

Meirinho.—Com que vossa mercê se está fazendo de novas? Vossa mercê não conhece, que este é o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto é mal permittido, que talvez o burro fiado em vossa mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua justiça *(áparte)*.

Sancho.—Ha maior desgraça! Ai burro da minha alma, quem te dissera a ti, que eu havia de ser o mesmo, que te sentenciasse? Por isso ao entrar me deitou uns olhos, como quem me dizia, que me houvesse com elle com compaixão. Não tem remedio, hei de sentenciar-te; o que poderei fazer, é não dar execução á sentença: Olá, ninguem ouça isto *(áparte)*.

Homem.—Senhor, despache-me vossa mercê, quando não farei um desatino.

Sancho.—Para que saiba o mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, ouçam todos, que ainda com ser o burro meu, lhe dou a sentença seguinte. *(Vai dictando Sancho a sentença)*. Visto este burro, accusação do Author, provas dadas por uma, e outra parte, mostra-se: que indo o Author roçando-se pelo pé delle Reo burro, que por nome não perca, alçando o pé esquerdo, despediu um couce; que pregando na barriga delle Author, salvo tal lugar, o estendeu como um cação; e porque consta da fé do Meirinho, que presente está, e não me deixará mentir, que o dito Reo burro, trazia escondido no pé uma ferradura de ferro; e como semelhantes armas sejam prohibidas, e defezas, por serem armas curtas, mando, que elle dito Reo burro seja desferrado, e vá passear sem albarda pela feira das bestas, exposto á vergonha dos mais burros seus camaradas, para que se lhe faça a face vermelha, por me constar, que é burro de vergonha. Item, que não possa ser pai de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado á margem na Cotovia, onde não comerá, senão relva, ou cascas de melão, e melancia, como burro de agua-

Ayuntamiento de Madrid

deiro, e pagará as custas, e todas as perdas, e damnos, em que o condemno, etc. Ilha dos Panças alagartados, etc.

Todos.—Viva o nosso governador Sancho Pança; viva para exemplo dos ministros, e honra das ilhas.

Sancho.—Bem folgo, que vejais a minha inteireza; pois com ser o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer justiça. Agora quero escrever uma carta a minha mulher. O' Escrivão, escrevei lá: ponde em cima a cruz dos quatro caminhos, e uma alampada acceza.

Escrivão.—Senhor, para que é a alampada?

Sancho.—Sois asno? Donde vistes vós cruz sem alampada?

Escrivão.—Está posta.

Sancho *(carta, que vai dictando ao Escrivão)*—Minha Teresa, já sabereis, que vos diria o diabo, que estou feito governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chão um covado, não é razão, que o meu amor conjugal vos falte com o debito de minhas letras (tres pontos, e quatro virgulas) porque vós bem sabeis, que quando no taboleiro do gosto, escolho o trigo do vosso carinho, lanço fóra a ervilhaca da ingratidão; pois joeirando as finezas, fica crivado o peito da correspondencia; porém indo meu amor á atafona dos extremos, alli se desfazem em pó as caricias do coração; e furtando-me o atafoneiro da distancia as maquías da vossa vista, peneiram os meus olhos lagrimas; e com ellas amassando a farinha da magua no alguidar da saudade, levam em crescimento o suspiro, até que tendendo-se na taboa dos rigores, vai para o forno das penas, e alli se coze com o fogo do desejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o pão azedo de vossa lembrança no armario de minhas memorias (ponto de interrogação). Em fim mulher, tenho determinado, que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço, se lembre, que tem um pai governador. Ahi vos

Ayuntamiento de Madrid

mando esses caramujos, e esse sacco de areia, que é o que ha nesta ilha: graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e se recommenda com muitas lembranças, e diz, que hajais esta por vossa, que não vos escreve, por ter uns cravos em uma mão, que lhes fez um ferrador em umas bulhas, que tiveram. Vêde se presto para alguma cousa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Vosso marido se quizeres. Sancho Pança, governador. Esta carta será logo entregue.

Meirinho.—Sim senhor. Ora basta já de despacho; não queremos, que vossa mercê se esfalfe; nem tudo se ha de levar ao cabo: venha vossa mercê jantar, que o concelho desta ilha tem preparado um magnifico banquete para vossa mercê nas casas da Camera.

Sancho.—Meirinho, jantar de Camera será de cousa, que já foi jantada, e assim vêde lá o que dizeis.

Meirinho.—Se vossa mercê o não quer na Camera, será aqui mesmo, e vamos, que depois havemos ir rondar a ilha.

Sancho.—Vamos nós reconhecer os pratos, e dai-me de jantar, seja aonde fôr, porque o ventre *non patitur moras*.

Meirinho.—Vamos. *(Vão-se).*

SCENA V

Mutação de sala. Estará uma mesa mal ordenada, com uma garrafa em cima; estarão um Medico, e um Cirurgião, dous Rebecas, e um Rebecão; e sahem Sancho, o Meirinho, e o Escrivão.

Sancho.—Quem te dissera a ti, pobre Sancho Pança, que da rustica choupana de tua aldeia havias de chegar a tanta honra! Sem duvida, que o apparato desta mesa

Ayuntamiento de Madrid

é digno de jantar nella um absoluto principe! Se isto é no preparatorio, que será na codea! Ai esfaimado Sancho Pança, desta vez tirarás o ventre de miseria: quem me dera ter nesta occasião sete boccas, dez gorgomillos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar, e engolir tanta comezana!

Meirinho.—Senhor governador, sente-se vossa mercê.

Sancho.—O' meu rico Meirinho do meu coração, dizei-me, quem são estes dous bigorrilhas?

Meirinho.—Este é o medico, e este é o cirurgião, que ambos costumam assistir nos banquetes, que se dão aos governadores, por grandeza, e estado.

Sancho.—Eu lhe perdoara o estado, com tanto que a grandeza só fôra no comer. E quem são estes de cabelleira loura muito bulliçosos?

Meirinho.—Estes são os que tangem varios instrumentos, em quanto se come, para excitar o appetite.

Sancho.—Eu escuso acepipes para comer, pois o tenho para seis bois. *(Tocam os instrumentos muito desafinados).*

Meirinho.—Que tal tangem?

Sancho.—Essa tocata é de rigor, parece feita por solfa.

Medico.—Senhor governador, ora por vida sua, que nos faça a honra de comer: faça-nos este gosto por quem é.

Sancho *(áparte)*—Não é necessario tanto rogo: este medico tem feição.

Medico.—Primeiramente, senhor governador, ha de vossa mercê comer com parcimonia.

Sancho.—Parcimonia é cousa de comer?

Medico.—Parcimonia é comer com temperança.

Sancho.—Isso de temperos pertence ao cosinheiro.

Medico.—Temperança por outro nome é o mesmo, que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Ainda esta é peior! Ora digo-vos, que sois um asno. O comer muito é proveitoso para a barriga, porque se enche; pois conforme a melhor filosofia *non datur vacuum in rerum natura;* e assim hei de comer.

Cirurgião.—Senhor governador, com licença de vossa mercê, antes que coma, é preciso fazer uma diligencia do meu officio da cirurgia.

Sancho.—Entendo que este banquete tem algum apostema, que o cirurgião quer tambem metter a tenta: vamos lá, que é isso?

Cirurgião.—Quero endireitar-lhe o pescoço, tenha-o sempre direito, não o torça, quando comer; porque facilmente póde quebrar alguma veia.

Sancho.—Não me deixareis comer, como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais, que esta é a primeira vez, que eu como na minha vida?

Medico.—Senhor, uma cousa é comer como escudeiro, e outra como governador; e como tal queremos, que vossa mercê coma, como manda a arte medica, e cirurgica; pois a conservação da sua vida nos importa em muito, como unico refugio, em que se estriba a nossa esperança.

Sancho.—Seja o que vós quizerdes, e deixai-me comer; venha a sopa.

Medico.—Isso é sopa? Nada, fóra! Não coma vossa mercê sopa, que é muito nutritiva, geradora, damnosa, sanguinaria, e lhe póde resultar um estupor.

Sancho.—Com que a sopa faz estupor? Vós é que sois o estupor da sopa. Hei de comel-a, mas que me dêem duzentos estupores.

Medico.—Requeiro a vossa mercê da parte da saude, que não coma sopa, que nesta ilha a sopa prova muito mal.

Sancho.—Isso é, porque vossês não sabem provar bem a sopa.

Ayuntamiento de Madrid

Medico.—Ora, senhor governador, deixe vossa mercê isso, pois não falta comer, em que vossa mercê se possa fartar: coma esse prato de assado.

Cirurgião.—Não, com licença de vossa mercê, senhor doutor, tambem agora não é licito, que o senhor governador coma assado, que lhe póde ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimonia do molho.

Medico.—Pois não coma assado, se a cirurgia assim o manda.

Sancho.—Com que vossê, senhor doutor, é juiz da consciencia da minha barriga? Está galante historia, dizer lá o bigodes do cirurgião, que o assado faz mal á garganta!

Meirinho.—Senhor governador, o que os senhores dizem, tudo é para seu bem; e elles, que o dizem, bem o entendem.

Sancho.—Meirinho, eu sempre ouvi dizer, que quem te dá o osso não te deseja ver morto, e estes fisicos não só me não dão a carne, mas tambem me não dão o osso; e senão dizei-me, para que me convidaram estes senhores, se me não deixam comer?

Medico.—Essa é boa! Nós lhe prohibimos o que é nocivo; ahi não faltam manjares para vossa mercê comer.

Sancho.—Ora está bem: vamos comendo estas perdizes.

Medico.—Tá, tá; perdizes por nenhum caso; são perniciosas á vida do homem.

Sancho.—Aqui del-Rey! senhores: ha quem tal diga da perdiz, que se come com a mão no nariz, por ser tão excellente, que é necessario apertar-se o nariz, para que não entre por elle?

Medico.—Senhor governador, dê-me attenção: A perdiz, como diz Averróes, é muito indigesta: *Omnis saturatio mala; perdix autem pessima.*

Sancho.—Ora, senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para consolação desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu amo, que *vacare culpa, magnum est solatium.*

Ayuntamiento de Madrid

Medico.—Olhe vossa mercê, senhor governador, não duvidamos, que a vaca é generoso alimento; porém como vossa mercê ainda não comeu cousa alguma, não é licito, que coma vaca estando em jejum; porque a vaca é alimento mui forte; e como o estomago está fraco, peleja o forte com o fraco, e é forçoso que fique o fraco vencido, e do vencimento póde resultar a morte mui facilmente.

Sancho.—Visto isso tambem estou inhabilitado para comer vaca?

Medico.—Por ora sim.

Sancho.—Que por ora, se eu por instantes me estou desmaiando com fraqueza? Deixem-me comer aquelle prato, que alli está, que morro com fome.

Medico.—Senhor, está louco? Quer comer pratos? Não vê que é de estanho, e que lhe póde fazer uma grande obstrucção na barriga?

Cirurgião.—Ui senhor, estanho não é bom para o estomago; nem derretido, quanto mais crú.

Sancho.—Ora isto é já pouca vergonha: hei de comer o que eu quizer; pois sou governador em chefe com mero mixto imperio nesta ilha, e seus arredores.

Medico.—Senhor, tenha mão.

Sancho.—Sim tenho mão, para vos dar muita bofetada a vós medico de ourinas, e a vós cirurgião de trampa.

Meirinho.—Senhor, não coma, que lhe póde fazer mal, que o dizem os senhores.

Sancho.—Se o comer faz mal, tambem o não comer o faz; e se hei de morrer de não comer, quero morrer comendo: Morra Marta, morra farta.

(Haverá grande bulha sobre o comer, ou não comer).

Medico.—Acudam todos, que o senhor governador se quer matar por suas mãos.

Rebecas.—Senhor, pague-nos vossa mercê, que aqui estivemos para tanger rebecas.

Sancho.—Isso era pagar os açoutes ao verdugo.

Ayuntamiento de Madrid

Todos.—Aqui del-Rey sobre o governador, que nos não quer pagar.

Cirurgião.—Aqui del-Rey sobre o governador, que se quer matar pelas suas mãos.

Sancho.—Aqui del-Rey, que me querem matar á fome.

Meirinho.—Vamos rondar a ilha, que é já noite,

Sancho.—Não quero rondar, leve o diabo a ilha; ha aqui perto alguma taverna?

Escrivão.—Ora vamos, que ao depois, sem que o medico, nem o cirurgião saibam, lhe daremos bem que comer.

Sancho.—Vêde lá o que dizeis?

Escrivão.—Tenho dito, e fie-se em mim.

Sancho.—Ora vamos rondar; mas esperai, e se acharmos alguns marujos, que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

Meirinho.—Por isso mesmo, para os prender.

Sancho.—Isso é o mesmo, que quebrar um olho a mim para tirar dous a meu contrario: não senhor deixe vossa mercê patuscar a quem patusca; já que o não podem fazer de dia, deixemol-os patuscar de noite, que é sua, e ninguem lh'a póde tirar por força.

Meirinho.—Vamos, senhor, senão daremos com vossa mercê fóra daqui.

Sancho.—Vamos; mas olhe, que lhe digo, que eu vou, como quem vai para a forca.

SCENA VI

Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados, e se canta o oitavado, e sahem Sancho, o Meirinho, e Escrivão rondando.

Sancho.—Agora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Teresa; isso eram canas! Dei-lhe

Ayuntamiento de Madrid

uma vez um descante, que fazia bailar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquiva, como não sei que: uma vez pedi-lhe, que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lh'o beijei, cuidando, que era a mão: cantava-lhe o meu oitavado do inferno, que era como estar um homem com as vozes do meu canto a dar c'o corpo á sola.

Meirinho.—Vamos prender esses maganos.

Sancho.—Deixai-os, Meirinho.

Meirinho.—Senhor, isto é um desaforo, andar desinquietando as moças honradas, que estão em casa de seus paes.

Sancho.—Dizeis bem: Olá, ó senhores esquinados, vossês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

Escrivão.—Vossês não tem respeito á justiça? Vão-se logo embora.

Sancho.—O' filhos, não deis escandalo á visinhança, nem deis motivo a disturbios com vossos divertimentos, quando não, farei justiça.

Homem.—Vamos dar outro descante pela parte do quintal.

Meirinho.—Alli está um vulto naquella esquina, reconheça vossa mercê quem é.

Sancho.—Como o hei de reconhecer, se elle está embuçado?

Meirinho.—Por isso mesmo.

Sancho.—Ah senhor, desembuce-se lá, olhe que o quero reconhecer; ai que o reconheci!

Meirinho.—Quem é?

Sancho.—E' um homem, que está embuçado.

Meirinho.—Pergunte-lhe quem é, da parte do senhor governador.

Sancho.—Quem é, da parte do senhor governador?

Homem.—Que lhe importa?

Sancho.—Não disse eu, que se havia de agastar? Vossês não querem tomar o meu conselho.

Ayuntamiento de Madrid

Meirinho.—Torne-lhe a perguntar.

Sancho.—Quem é da parte del-Rey?

Homem.—E' a pérra, que o pariu.

Sancho.—Ai que é minha mãi! Mas ella já morreu; será a sua alma, que me vem ver. Diga por vida sua quem é.

Homem.—Sou sua avó torta.

Sancho.—Mente, magano, que minha avó não era torta, nem na minha geração houveram tortos. Torto será vossê.

Meirinho.—Venha prezo da parte del-Rey.

Homem.—Digo que não quero ir prezo.

Sancho.—Vossê não quer ir prezo? Olhe bem o que diz.

Homem.—Não quero, tenho dito.

Sancho.—Pois vá-se embora.

Meirinho.—Que quer dizer, não quero ir prezo? Venha logo.

Sancho.—Meirinho, vós sois terrivel; se o homem não quer ser prezo, para que o havemos levar contra sua vontade? Não vêdes, que póde dar uma força de nós?

Meirinho.—Ora isso é já pouca vergonha! Ha de vir desta sorte.

Homem.—Venha para cá, que eu o enfiarei.

(Puxam pelas espadas, e foge Sancho).

Sancho.—Pés para que te quero! Lá vai o Meirinho c'os diabos: de boa escapei eu! *(Vai-se).*

Meirinho.—Ah senhor governador?

Sancho.—Não deixarão a este pobre governador lograr o seu governo descançado na cama com as pernas para o ar?

Meirinho.—Senhor governador?

Sancho.—Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida: arre lá com o selvajinha! Bate, que parece, que piza esparto.

Ayuntamiento de Madrid

Escrivão.—Vossa mercê não ouve, senhor governador?

Sancho.—Isso é tollice, pois se eu ouvira não houvera responder?

Meirinho.—Ora ouça, que estou batendo.

Sancho.—Com a motinada do bater não ouço nada.

Meirinho.—Pois já não bato, ouça vossa mercê.

Sancho.—Uma vez, que não bateis, entendo, que não quereis entrar.

Escrivão.—Vossa mercê parece que não ouve?

Sancho.—Não poderei ser surdo, se quizer? Olhem que está boa!

Meirinho.—Senhor, que está a ilha cercada de inimigos, acuda vossa mercê.

Sancho.—A Deos minhas encommendas: lá vai o pobre Sancho Pança desta bolada.

Escrivão.—Senhor, venha defender a praça; saia-nos a governar como bom capitão.

Sancho.—Mandai cantar a ladainha de todos os santos, e vereis como se vão.

Meirinho.—Ora isto é já pouca vergonha, lá vai a porta dentro.

Sancho *(sahe Sancho)*—Esperem, que eu lá vou para fóra. Vossês estão aqui ha muito tempo?

Meirinho.—Ha mais de duas horas.

Sancho.—Porque não fallavam? Eu adevinho? Pois que temos?

Escrivão.—Estamos perdidos.

Sancho.—Alguem nos achará.

Meirinho.—Inimigos na ilha; acudamos a defendel-a.

Sancho.—Pois façamo-nos seus amigos, e dizei-lhe, que entrem.

Escrivão.—Pelejemos, senhor.

Sancho.—Isso é mais: eu sou cá espadachim? Não basta, que elles briguem?

Meirinho.—Senhor, que já elles ahi vem; vamos sahir-lhe ao encontro.

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Tomara-me não encontrar com semelhante gente: vão vossês brigar, se quizerem, que eu fico governando a ilha.

Escrivão.—Senhor, que vem passando tudo a cutélo; defendamo-nos.

Sancho.—Isso é outra cousa. Olá, todos os nossos soldados se ponham em ala com as mãos atadas para traz, para que logo sejam degollados; e quando os inimigos vierem, ninguem lhes faça mal: deixem-lhe tomar a ilha, que mais val tomada, que perdida.

Meirinho.—Vamos, senhor.

(Sahem alguns homens).

Todos.—Morra Sancho Pança. Vitoria.

Sancho.—Morra muito embora, com tanto que me não matem.

Todos.—Este é o governador: venha prezo.

Sancho *(cahe Sancho no chão)*—Eu quero morrer, antes que me matem.

Todos.—Elle está morto, enterremol-o.

Sancho.—Peior está esta: quem lhe disse a elles que eu queria, que me enterrassem?

Todos.—Levemol-o a enterrar.

Sancho.—Não, eu não sou morto de ceremonias; eu irei mesmo por meu pé.

Todos.—Peguem nelle.

SCENA VII

Mutação de jardim, aonde estarão o Fidalgo, a Fidalga, e D. Quixote.

D. Quixote.—Senhora excellentissima, fidalguissimo senhor, não sei aonde pretendem chegar vossas grandezas com tantas liberalidades, quantas são as com que tratam a um cavalleiro andante! Algum dia saberei

Ayuntamiento de Madrid

pagar tantos beneficios; pois tambem os senhores não se livram de estarem encantados.

Fidalga.—Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, segundo o que merece um cavalleiro andante, como vossa mercê.

Fidalgo.—Se a minha casa não estivera tão empenhada, vossa mercê vira o nosso primor.

Sancho *(sahe Sancho)*—O diabo leve a ilha, e mais quem me mandou para ella.

Fidalgo.—Que é isso, Sancho Pança? Que conta me dais da minha ilha?

Sancho.—Aonde está a galantaria de me mandar vossa reverencia a ser governador de uma ilha atreita a inimigos? Elles lá ficam a paz, e salvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

Fidalgo.—Pois não a soubeste defender.

Sancho.—Defendi-a até a ultima gotta de sangue, e até me fiz morto, a ver se elles fugiam; mas os malditos não tem medo de defuntos.

D. Quixote.—Vai-te, cobarde gallinhola; isso é o que aprendeste do meu valor ha tantos annos na escóla da minha malicia? Não te hei de ver mais a cara. Que se ha de dizer de mim, se tu dás má fama do meu valor?

Fidalga.—Senhor, os accidentes da fortuna não são deslustres do valor; isto podia acontecer ao mais valente.

Sancho.—Isso estava eu para o dizer agora, e tirou-me da bocca, o que eu já tinha entre os dentes.

Escudeiro *(sahe um Escudeiro)*—Senhor D. Quixote de la Mancha, a senhora Condessa Trifalde pede licença para fallar a vossa mercê.

D. Quixote.—Dizei-lhe, que entre, com licença dos senhores.

Condessa.—Senhor, aos pés de vossa mercê busca remedio uma desgraçada Condessa, a qual vive encantada ha vinte annos, com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor carão, me fizeram

Ayuntamiento de Madrid

crescer na cara as maiores barbas, que nunca se viram em homem algum; e assim só o vosso valor me póde desencantar.

Sancho.—Esta é mulher de bigode.

D. Quixote.—Senhora, menos rogo, que esse, bastava para vos desencantar.

Condessa.—Pois eu chamo um cavallo, no qual subireis á região etherea a desencantar-me, e vosso criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

Sancho.—Senhora Condessa Trifaldes, eu sempre ouvi dizer, que o dar vinha nas ancas do prometter; eu já estou desenganado do que dão de si estes desencantos; com que, sem que me paguem, não vou, mas que me frijam.

Condessa.—Dou-te uma joia, que val mil moedas, que tambem está encantada.

Sancho.—Pois eu vou desencantar a joia, e meu amo a vossa barbaridade.

(Canta a Condessa Trifalde a seguinte:)

ARIA

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me tragam voando
Um bello cavallo,
E nelle montado
D. Quixote vá.
Tambem Sancho Pança
Chegue a montal-o;
Porque desta sorte
Se veja a mudança
Do rosto, que é morte,
Se barbas se dá.

(Nas ultimas clausulas da aria desce o cavallo, e montam D. Quixote, e Sancho Pança).

Ayuntamiento de Madrid

Sancho.—Não lhe aperte muito o freio, que é doce da bocca.

D. Quixote.—Já passámos a região aeria.

Sancho.—Aerio está vossa mercê. Este cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Este cavallo, como vai pelo ar, tem muita ventosidade.

D. Quixote.—Esta é a região do fogo: já estamos perto.

(Cahe o cavallo com D. Quixote, e Sancho).

Sancho.—Esta é a região da terra: ai que cobrei as costellas! Ai senhora Condessa, ou senhora alcofa, aonde estão as moedas?

Condessa.—Senhor D. Quixote, já estou desencantada; vivais muitos annos: Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo dellas: a Deos.

Sancho.—Ha maior insolencia! Tu és asno, Sancho? Pois leva, leva. Senhor, eu me resolvo a ir para a minha aldeia sangrar-me, e purgar-me; pois tenho levado tantas quédas de desgraça, sem que pudesse ter quéda com a fortuna.

D. Quixote.—Senhores, vossas grandezas me hão de dar licença, que não é razão esteja aqui tanto tempo, sem ir desencantar outras pessoas, visto ter já desencantado esta Condessa.

Fidalga.—Não posso estorvar a vossa mercê este louvavel exercicio das suas cavallarias.

Fidalgo.—Viva mil annos o senhor D. Quixote por tantos desencantos.

D. Quixote.—Senhores, isto em mim sempre foi obrigação. Sancho, vai sellar os cavallos.

Sancho.—Vamo-nos já desta casa encantada.

Ayuntamiento de Madrid

SCENA VIII

Mutação de bosque. Sahem Sansão Carrasco, D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros a cavallo.

Carrasco.—Agora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto possuo, se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura, que tem emprendido. Eu te prometto, que tu fiques desenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura, que agora o encontrasse! Mas se me não engana a vista, lá vejo vir um cavalleiro: elle é sem duvida; apressar-me quero. *(Sahe D. Quixote)* Se sois cavalleiro andante, brigai commigo.

D. Quixote.—Como se o sou? Não só comvosco brigarei, mas com mil de vós.

Sancho.—Máo, isto é caso pensado, e rixa velha.

Carrasco.—Investi cavalleiro.

D. Quixote.—Investo. *(Cahe D. Quixote).*

Sancho.—Oh desgraçado, aqui vieram ter fim as tuas cavallarias andantes! Ah senhor não o mate por vida sua: deixe-o para tronco dos cavalleiros andantes.

D. Quixote.—Estou vencido: nem sempre a fortuna me havia de ser favoravel.

Carrasco.—Pois estais vencido, mando-vos, que não tomeis armas por espaço de dez annos, e vos recolhais a vossa casa.

Sancho.—Oh nunca t'a mão doa! Bem hajas.

D. Quixote.—Como bom cavalleiro devo obedecer: dizei-me, quem sois?

Carrasco.—Eu sou Sansão Carrasco, a quem vencestes já uma vez; agora quizeram os astros, que eu vos

Ayuntamiento de Madrid

vencesse, para que vos recolhais em paz para a vossa casa, que assim m'o pediu vossa sobrinha, e vossa ama.

Sancho.—Ora, senhores, acabou-se a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirei bom fruto delle; bem me disse a minha filha ao despedir-me. Com que agora dando fim a esta verdadeira historia irei cantando.

Tão alegres, que viemos,
E tão tristes, que tornamos.

(Canta o côro como no principio).

FIM.

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid

Ayuntamiento de Madrid